

Trimestral
Genebra
Suíça
Ano VI
Junho
2006
Bilingue

Pessoas

n°22

encontros culturais

Distribuição gratuita

Análises

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

Opiniões

Poesia

Roteiros



heróis... ou nem tanto!



SÓ PODE TER IDO AO BES

CRÉDITO HABITAÇÃO **BES**

O Ricardo sabe onde mora a solução. Escolheu o Crédito Habitação do BES, na modalidade que lhe permite deixar 30% do valor da casa para pagar no final do empréstimo. Logo tem prestações mais baixas, logo pode ter uma casa melhor. Para quem, como o Ricardo, gosta de saber com o que conta, é bom contar com o Crédito Habitação mais completo do mercado.



**BANCO
ESPIRITO
SANTO**

Quem
sabe, sabe
e o Ricardo
é que sabe

Av. de Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
Tél. +41 21 614 00 14 • Fax: +41 21 614 00 15
Câmbio +41 21 614 00 16 WWW.BES.PT
E-mail: emigr@bes.ch • BESDIRECTO: 008000 24 7 365 0

Propriedade
L.C.

Director
António Pinheiro

Edição
A.P.I.C.

Chefe de Redacção
Luz Neto

Redactores permanentes

António Louçã
Benjamin Ferreira
Catarina Reis
Octávio Xisto
Paulo Morgado
P. Bártolo
Raquel Ferrari
Rosa Adanjo
Teresa Lopes

Colaboraram neste número

Alvaro Fernandes
Casimiro Oliveira
Edite Correia et Clément Puipe
Gabriela Silva
Giuseppe Patanè
Luís Florêncio
Lurdes Trindade
Mafalda Oleiro
Miguel Neves Passarinho
Rose-Mary Magnin

Grafismo e Paginação
Eduardo Pinho

Fotografia
António Pinheiro
Nuno Alves

Publicidade
Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine
CP 1877
1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18
1201 Genève Suisse
Tel +41 22 738 85 25
Fax +41 22 738 88 37
pessoasmagazine@bluewin.ch

Periodicidade trimestral
Assinatura
20 frs / ano – Suíça
40 frs / ano – Europa
Tiragem deste número
5.000 exemplares

Distribuição gratuita

Leia a **Pessoas** na internet
www.espacoportugues.ch
www.livraria-camoes.ch

- 4-5..... Editorial
- 6..... As bolas dos heróis
- 7..... Hinos e bandeiras
- 9..... Notas Soltas – Hora Lusitana
- 10..... Notas Soltas – Museu da emigração
- 11..... Notas Soltas – 25 de Abril 2006
- 12..... Via Láctea
- 14..... António Gedeão 1906 – 1997
- 16..... Bestiaire égyptien
- 18..... Entre Troianos Gregos e Romanos
- 21..... Observatório de Genebra
- 23..... Painel do Fado
- 24..... As Segadas e as Trilhas
- 26..... Como explicar o Amor
- 28..... Héros de la nuit
- 31..... Prémios de sucesso
- 32..... Meu querido Álamo
- 35..... Luandino Vieira
- 38..... O imprevisto previsto
- 42..... Roteiros – Aarau
- 45..... Brigada Ligeira
- 46..... Endereços úteis



L'été, pour être fidèle aux tendances météorologiques, est apparu chaud et ponctué d'orages déstabilisateurs.

Cette situation climatique nous reporte à une autre bien plus grave, parce que la politique géo-militaire interfère avec la dignité d'un peuple, parce qu'elle fait trembler les fondations pas encore consolidées d'une jeune nation, Timor. Le pouvoir et l'hégémonie de l'Australie encouragent la discorde pour usurper la meilleure part, alors que la richesse pétrolière devrait être répartie équitablement.

Mari Alkatiri est tombé par des accusations forgées et parce que sa lucidité politique a prévu les intentions secondes de la stratégie australienne ainsi que de la chinoise.

A Xanana Gusmão, il a manqué le courage des temps de guérilla. Le nouveau gouvernement sera formé il est vrai, mais par ironie Ramos-Horta assure la gouvernance intérimaire jusqu'à de nouvelles élections. Disons pour ironiser, que c'est ce que l'Australie a toujours voulu. Ramos-Horta "snobizou-se"; il a aussi oublié la raison pour laquelle il a mérité le prix Nobel de la paix et est devenu l'acolyte des intérêts australiens et américains.

L'Indonésie, l'Australie et la Chine sont des dames démesurément avides du diamant: Timor. Qui reste du côté du véritable peuple de Timor, qui continue à lutter, maintenant plus que jamais, pour une véritable autodétermination? Devons-nous être ceux-la, les Portugais, le Portugal?

Les Portugais, motivés, franchissent des barrières inaccessibles, il est vrai. Ils manquent parfois d'idéal et de forces motrices. La preuve est dans ce Mondial de football. Jamais autant de drapeaux n'ont été déployés, jamais l'hymne national n'a été aussi entonné, jusqu'à épuisement. Si bien que les "héros" (royalement payés) de la Sélection, peuvent très discutablement être loués, intronisés, comme ceux qui ont construit, au long des siècles, la nation portugaise. Ils sont au moins pour quelques jours parvenus à éveiller l'orgueil d'être portugais.

Quand surgira-t-il une mobilisation générale pour en finir avec la corruption, la bureaucratie, le chômage, le manque d'assistance médicale, d'éducation et, pendant que l'on y est, le manque de citoyenneté, dans ce Portugal si pavoisé?

Nous pourrions profiter des drapeaux, de l'hymne national, des mots d'ordre, de la mobilisation et... une fois le Mondial terminé, commencer à transformer le "national".

Les vacances sont arrivées sans que le Ministère de l'éducation ne mette en vigueur la réforme de l'enseignement tellement vantée. Est-ce Madame la Ministre qui ne maîtrise pas les dossiers? Est-ce que les syndicats ne font pas les propositions et négociations correctes? Est-ce la faute des professeurs? Est-ce la faute des parents? Basta! Entendez-vous une fois pour toutes pour mettre plus de célérité dans les résolutions, appliquez le "Simplex", parce que jusqu'à maintenant nous avons assisté à un galopant "Complex".

Quelques-uns de nos lecteurs sont déjà en vacances, d'autres se préparent aux jours de repos bien mérités. Plût au Ciel que le retour apporte un état d'esprit retrempé et beaucoup de soleil dans l'âme et dans la vie.



O Verão, para fazer jus ao historial meteorológico surgiu quente, com frequentes tempestades desestabilizadoras. E esta situação climatérica reporta-nos a outra muito mais grave, porque política, económica e geomilitar, porque interfere com a dignidade de um povo, porque sacode os alicerces ainda não consolidados de uma jovem nação - Timor, porque o poder hegemónico da Austrália fomenta a discórdia para usurpar o quinhão maior, quando a riqueza petrolífera devia ser repartida equitativamente.

Mari Alkatiri caiu por acusações forjadas, porque a sua lucidez política previu as segundas intenções da estratégia australiana e quiçá chinesa.

A Xanana Gusmão faltou-lhe a coragem dos tempos da guerrilha. Novo Executivo será formado é verdade, mas por ironia Ramos-Horta assegura, a chefia do actual até às novas eleições. Dizemos por ironia, porque foi sempre o que a Austrália quis. Ramos-Horta “snobizou-se”, também esqueceu a razão pela qual mereceu o Nobel da Paz e torna-se acólito de interesses australianos e americanos. A Indonésia, a Austrália, a China são damas desmesuradamente ávidas do diamante Timor. E quem fica do lado do verdadeiro povo timorense que continua a lutar, agora mais que nunca, por uma verdadeira autodeterminação? Teremos que ser todos nós, os portugueses, Portugal.

Os portugueses, quando motivados, suplantam barreiras inacessíveis, é verdade. Faltam, por vezes ideais e forças motoras. A prova está neste Mundial de Futebol. Nunca tanta bandeira foi desfraldada, nunca tantas vezes o Hino foi cantado até a exaustão. Se bem que os “heróis” (regiamente pagos) da Selecção, só muito discutivelmente podem ser louvados, entronizados, como os que construíram, ao longo de séculos, a nação portuguesa, pelo menos, conseguiram despertar por alguns dias o orgulho de ser português.

Quando surgirá uma mobilização geral para acabar com a corrupção, a burocracia, o desemprego, a falta de assistência médica, a Educação e, já agora, a falta de cidadania neste Portugal tão embandeirado?

Podíamos aproveitar as bandeiras, o Hino, as palavras de ordem, a mobilização e..., terminado o Mundial, começar a transformar o “nacional”.

As férias chegaram e o Ministério da Educação sem desembulhar a Reforma do Ensino da qual tanto alarde fez. É a Senhora Ministra que não domina os dossiês? São os Sindicatos que não fazem propostas e negociações correctas? É culpa dos professores? É culpa dos pais? Basta! Entendam-se de vez e para serem mais céleres nas resoluções, apliquem o “Simplex”, porque, até agora, temos assistido a um galopante “Complex”.

Alguns dos nossos leitores já se encontram em férias, outros preparam-se para os merecidos dias de repouso. Oxalá, no regresso, tragam os ânimos retemperados e muito sol na alma e na vida.

António Pinheiro

saber mais!

As bolas dos heróis

Depois de muito pensar, decidi-me pelo título que acaba de ler. Decidi assim porque creio que o título não ofende ninguém e ninguém me ameaçará com palavras apimentadas e gestos pouco respeitadores da igualdade e liberdade dos sexos. Igualmente, ninguém lançará para a fogueira da discussão, a igualdade e a liberdade das bolas dos heróis, várias em tamanho, cor e formato: bolas de futebol, de bilhar ou bolas de ténis, entre muitas outras. Por isso, as bolas dos heróis, as bolas de tantos heróis conhecidos, citados e falados a torto e a direito são importantes, oportunas e quase sempre arredondadas!

Explico. Todos sabemos que as bolas foram a ferramenta de trabalho e o instrumento indispensável para o ganha-pão de tanta gente, espalhada pelas cidades e estádios alemães. Todos sabemos que as bolas desses homens estão forradas a milhões de euros ou de dólares e que, cada passo, cada corrida, cada corridinha ou, mesmo, cada rasteira, tem um custo financeiro e de marketing. Todos sabemos, ainda que, acabada a festa, as bolas ficarão arrumadas num canto qualquer de uma instituição qualquer.

Mas, porque que será que, milhões de pessoas têm os olhos virados para um ecrã de televisão e estão de músculos tensos quando os heróis da bola correm, fintam, ameaçam, empurram, deslizam, metem um golo? Porque é que os pobres,

os remediados, os ricos ficam colados a um ecrã de televisão ou vociferam palavras de raiva e cantos guerreiros nas bancadas de um estádio? Que necessidade de identificação nos acorrenta e que urgência nacionalista nos altera os neurónios para que desfraldemos bandeiras nacionais nas janelas e varandas de casas e prédios dispersos? O que é que acontece connosco para que a emoção nos altere a pulsação, quando “ganhámos” e a tristeza nos invada as veias quando “perdemos”? Será que ganhamos ou perdemos mesmo qualquer coisa?

Por uma razão simples: porque ganhámos com eles e como eles e porque ganhámos, sempre, algo mais quando os “nossos” são mais fortes, mais rápidos, mais inteligentes, mais afirmativos. Porque precisamos de pertencer a um grupo, a uma cor, a uma cultura, a uma bandeira, a uma esperança. Porque, num mundo cada mais globalizado, impessoal e perigoso, precisamos de nos sentir, cada vez mais protegidos e em família. Porque precisamos de um estádio para dizer que existimos e somos importantes e precisamos de uma baliza – a nossa – para dizermos que aquilo que é nosso nunca será dado de mão beijada. Porque, ainda, precisamos de deuses – os deuses modernos – para que a nossa razão seja submersa pela emoção e para que a tribo que os heróis da bola representam, seja a encarnação do poder, da beleza e da vitória!

O seu site. A nossa imagem. Os mesmos objectivos.

- Alojamento Web desde 1.95€
- Domínios a partir de 7.90€
- Construímos sites profissionais

WEBHOSTPT.com
MAIS SOLUÇÕES PARA SI!

www.webhostpt.com

Antonio Alves: 078/203 43 36 • Jacinto Pinto: 078/765 51 70 • contacto@webhostpt.com

comentário

HINOS E BANDEIRAS

No momento de redigir esta crónica, a selecção portuguesa de futebol bateu a da Inglaterra e prepara-se para o confronto com a da França. No mínimo, foi já igualado o record de 1966, quando a estrela de Eusébio começava a ofuscar um Pélé demasiado marcado pelas defesas contrárias e pelo avançar da idade. A euforia dos adeptos portugueses iguala também a de 1966: nunca as buzinas nos cortaram tantas noites de sono, nunca a bandeira da quinas pendeu em tantas janelas, nunca o hino nacional se cantou a tanto propósito e despropósito.

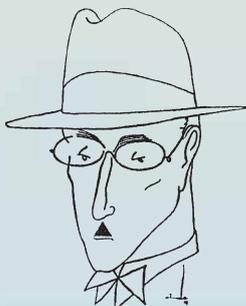
Sem querermos diminuir a alegria dos adeptos, vamos contudo entregar-nos a um rápido exercício de desmancha-prazeres ou de estragafestas. Sempre houve, por trás destas grandes euforias, um lado de sombra. Já em 1966 a admiração do mundo pela genial intuição de Eusébio foi manipulada pela propaganda salazarista para fazer passar a imagem do Portugal multiracial, do Minho a Timor. E essa manipulação era considerada de importância tão vital que Salazar proibiu terminantemente ao Benfica qualquer negociação sobre um eventual passe de Eusébio. O jogador moçambicano, sentenciou o ditador, é património nacional e não pode ser vendido a nenhum clube estrangeiro. Escravo africano do século XX, Eusébio ficava aprisionado numa gaiola de ouro. Ele era,

assim, impedido de pensar em alternativas para o seu futuro e, de certo modo, impedido de pensar, *tout court*.



Claro que entretanto acabou esta prepotência da ditadura sobre um homem de talento. Por muito que a globalização e a mercantilização tenham os seus lados perversos e antipáticos, mais vale um Figo a saltar do Barcelona para o Real Madrid, e a ser apupado pelos adeptos catalães, do que um Eusébio acorrentado ao seu Benfica para toda a vida. Só não se compreende que esse mesmo Figo, e outros menos brilhantes nas artes da bola, fizessem uso do seu legítimo direito de jogar em clubes estrangeiros

PESSOA



Café Littéraire

simplesmente diferente

HINOS E BANDEIRAS

e de saltitar alegremente duns para outros, e ao mesmo tempo se tivessem escandalizado com a naturalização de Deco em Portugal. Mais vale o jogador sem pátria, aquele que só volta a ser “português” de quatro em quatro anos, ou duma convocatória de Scolari para a seguinte, do que o jogador amarrado de pés e mãos a uma pátria colonial, intrusa na sua terra, imposta aos seus antepassados e aos seus contemporâneos pela força das armas.

Onde a evolução foi muito mais negativa, foi no que respeita à camuflagem dos problemas sociais, embrulhados nas dobras da bandeira e abafados nos acordes do hino. Cavaco Silva aproveitou o 10 de Junho para falar numa reabilitação do “orgulho nacional”: foi a sua contribuição para as claques de Scolari, talvez menos vulgar do que a bailação, há uns anos, de Maria José Rita embrulhada na bandeira das quinas, mas não menos venenosa. A extrema-direita agradece do coração a boleia dada ao seu slogan de “orgulho branco”.

“Orgulhosos”, portanto, do quê? De uma taxa de iliteracia que bate aos pontos os outros países europeus? De salários que entram num chinelo dos trabalhadores europeus? De mordomias sem paralelo entre os políticos e os administradores europeus? De um governo

que se agacha, hoje perante a General Motors, amanhã perante qualquer multinacional já saciada com os dinheiros do contribuinte e decidida a deslocalizar? De um serviço nacional de saúde em esvaziamento acelerado? De uma corrupção em serviços autárquicos e centrais com perfil terceiro-mundista? De estatísticas de violência doméstica só comparáveis às da Espanha? De pensões de reforma que deixam morrer os idosos na penúria?

A isto, poderão responder-nos alguns adeptos resignados: já que não podemos orgulhar-nos da sociedade e do país que somos, deixem-nos ao menos orgulhar-nos das defesas do Ricardo, dos dribles do Figo, dos golos do Maniche ou do Cristiano Ronaldo. Errado: ninguém senão os próprios Ricardo, Figo, Maniche ou Cristiano pode orgulhar-se das façanhas que eles próprios cometem. Quem quiser melhorar a sua “auto-estima”, como agora se diz a torto e a direito, trate de lutar contra a precariedade como fizeram milhões de jovens e de trabalhadores franceses, trate de ganhar essa luta como eles e elas – e então, sim, terá motivos de satisfação como protagonista e não como desportista de bancada.

Mesmo que a França ganhe a meia-final.

**É bom
tê-lo connosco.**



HORA LUSITANA 18º ANIVERSÁRIO

Uma janela aberta para a Comunidade

É, de facto, a Língua Portuguesa que entra em nossas casas, há 18 anos, com esta emissão radiofónica difundida, em directo, todos os sábados e domingos das 13 às 15 horas na frequência 92.2 FM e no cabo 98.6. Passou a ser uma referência entre as comunidades lusófonas do cantão de Genève e regiões vizinhas, incluindo a zona francesa.

O trabalho desta emissão está a cargo da APIC – Associação Portuguesa de Informação e Cultura. Esta associação, sem fins lucrativos, põe todo o empenho nesta actividade radiofónica, divulgando a cultura, a informação, a música, o entretenimento, proporcionando o debate... enfim, mantendo as raízes culturais portuguesas afirma-se pela constante actualização contribuindo para a integração da comunidade.

Eticamente idónea porque despojada de tendências políticas, religiosas ou de favorecimentos ideológicos.

O programa HORA – LUSITANA pode orgulhar-se da sua grande audiência e do seu já tão longo percurso, como tal, os parabéns por este 18º aniversário são inteiramente merecidos. Os elementos do grupo que põe no ar o Programa, não esqueceu os ouvintes, “os mais importantes e os melhores do mundo”, afirmam-no, e, como tal, realizaram uma grande festa de aniversário no dia 10 de Junho (Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas) que melhor data para festejar um programa radiofónica em Língua Portuguesa? Rádio, Cultura, Comunidade, são palavras indissociáveis.

A animação constou de actuações de Grupos Folclóricos, Grupos de Música Tradicional Portuguesa – **Reis da Farra** -, Grupos de Dança



Moderna – **Paradise** - e um concerto com o Grupo **D'ZRT** além de um grande baile animado pelo Dj Hélder Costa (Fresh Dance Music). Os ouvintes corresponderam à chamada, não deixando um pequeníssimo espaço livre que fosse, na sala de festas *du Faubourg – rue Terreaux du Temple*, em Genebra. Bons êxitos e muitos mais anos de existência desejamos ao Programa Hora Lusitana.

Hora-Lusitana – Rádio Cité
FM 92.20 – Cabo 98.60
Av. Cardinal- Mermillod, 36
1227 Carouge GE

Tel. 022 309 09 58 / antena 022 309 09 59
SMS - 079 660 70 38



MUSEU DA EMIGRAÇÃO

Ernesto Ricou não baixa os braços nas constantes acções de cooperação realizadas entre escolas de Portugal e da Suíça, vários louvores e prémios têm sido atribuídos aos trabalhos dos jovens que dinamiza e orienta no sentido da solidariedade e da paz através das Artes Visuais.

Depois de esforçado trabalho de recolha e catalogação de documentos, eis que o **Museu da Emigração** nasceu para *valorizar o aspecto humano e perpetuar memórias das comunidades locais*. Sabemos que as comunidades emigrantes, na Suíça, são múltiplas e, segundo Ricou, *têm grande vitalidade, sendo hoje notória a influência da turca, africana, balcânica, da ex-Jugoslávia, além da italiana, espanhola e da nossa, portuguesa*.

O projecto, **Museu da Emigração** será também *uma forma de não agravar as tensões sociais*.

Este pintor humanista pretende “implicar os próprios emigrantes na construção da sua própria história” mais tarde, segundo os projectos de Ricou, nascerá uma biblioteca e um auditório. O interesse que tem este projecto para todos os emigrantes, não passou despercebido às autoridades locais que têm manifestado a sua aprovação.

Não resistimos a transcrever parte do comentário feito por Tasha Rumley no *Journal Lausanne Region* de 7 de Junho de 2006 com o título “*Des vies déplacées mises en scène en un musée*”.

Le “labo-musée de l’immigration” à Tivoli, accueille jeunes et moins jeunes sous le signe de la tolérance. Le regard de Ramuz fixe les valises usées et des photos jaunies. Saint patron du musée pour la tolérance qu’il prônait face aux étrangers, ses portraits quadrillent les murs. A leurs côtés, des cartes du monde et des citations d’immigrés dans leur langue originelle, telles “Dove morire?”. “Le plus petit musée de Suisse”, comme s’en targue son initiateur (Ernesto Ricou), a une vocation de taille. Dans un premier temps, raconter des histoires d’immigrés, venus déposer les reliques de leur parcours. Dans un deuxième, redis-



tribuer ce savoir en invitant des écoliers à discuter le thème de l’immigration.

Le fruit du labeur d’Ernesto Ricou a ouvert en septembre dernier. Lui-même touché par la problématique de l’immigration, cet artiste suisse et portugais n’en était pas à son coup d’essai.

Fondateur de la Casa Mundo, il a retapé son atelier de peinture pour en faire un lieu vivant, capable de sensibiliser les adolescents. Enseignant d’arts visuels et engagé dans de multiples projets, cet humaniste puise son énergie dans la richesse des rapports humains.

Congratulamo-nos pela disponibilidade e entrega de E. Ricou neste projecto que engrandece a comunidade dos imigrantes. Esse espaço vivo tem sempre as portas abertas para a cultura e preservação das raízes identitárias de cada um. É essa ideia que depreendemos quando Ricou o testemunha a Tasha Rumley “*Ici, nous exploitons toutes les voix du cœur. Les adolescents aiment beaucoup, parce que nous nous axons sur leur réalité, d’hôtes ou d’immigrés. Empli “d’espérances et de contentement”, Ernesto Ricou rêve d’un local plus grand. Mais cela ne se fera pas sans le soutien des autorités, car pour l’instant, c’est lui qui assume les frais de location.*

Como este espaço merece a visita de todos nós, deixamos a direcção:

Musée de l’immigration, Tivoli, 14 – Lausanne. Aberto às quartas e sábados das 14h às 18h.

Refira-se que os outros dias da semana estão reservados para as visitas de alunos das escolas.

25 de Abril 2006

A Associação 25 Abril – Genève, fundada em 2004, levou a cabo a celebração do 32º aniversário da Revolução dos Cravos, que derrubou a mais longa Ditadura Fascista da Europa.

Esta associação tem como objectivos: promover, em todos os domínios, o espírito do Movimento Libertador da Revolução do 25 de Abril de 1974; a recolha, conservação e tratamento de material informativo ligado ao processo histórico que antecedeu e sucedeu à Revolução Democrática; organizar seminários, colóquios, exposições, visitas de estudo, intercâmbios associativos e outras iniciativas no âmbito dos objectivos da Associação.

É constituída por membros activos e dinâmicos que, organizados em comités, projectaram e desenvolveram acções com o fim de dinamizar, defender e transmitir à comunidade, bem como às gerações futuras, os valores e os direitos democráticos a fim de não serem esquecidos os ideais da Revolução, hoje e no futuro.

O programa, deste ano de 2006, foi diversificado em actividades que preencheram os dias 28 e 29 de Abril.

Nas instalações da UNIA - 5, *Chemin du Surinam, Genève* - houve animações várias: sessão de poesia “As portas que Abril abriu”; filme “A noite do golpe de Estado” seguido de debate com a realizadora *Ginette Lavigne*.

A personalidade convidada deste ano foi **Otelo Saraiva de Carvalho** que nessa noite trocava impressões com os participantes.

No dia 29 as actividades ocorreram na *salle du Faubourg*, Genève, com espaços culturais para crianças e jovens. Houve danças, teatro e poesia.

A animação musical esteve a cargo dos Grupos



Folclóricos: Missão Católica de Genève e Estrelas de Portugal, bem como do Grupo: Os Reis da Farra. A estrela da conferência da tarde, como não podia deixar de ser, foi o “Capitão de Abril”, Otelo Saraiva que após a explanação respondeu às inúmeras questões do público.

Durante estas actividades tivemos o prazer de assistir ao lançamento do novo livro “**Crónica dos Bravos de Perly**” (romance) do nosso colaborador, **Manuel Bernardo**. Parabéns à Associação 25 de Abril. Oxalá não esmoreça. Contamos, desde já, com a comemoração do 33º aniversário da Revolução Democrática.

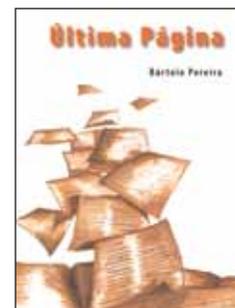
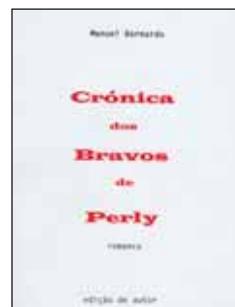
* * *

Padre Bártolo Pereira, também colaborador desta revista, trouxe a público o seu livro “**Última Página**”

“*Última Página, escrevo-a como sendo a primeira do primeiro livro que publico. Irrepetível veicidade, talvez, pelo respeito a quem, por amor e competência, faz das letras a sua profissão. (...)*”. Padre Bártolo, admiramos a sua humildade, mas todos sabemos a sumidade que é.

As dissertações, as crónicas, os ensaios, as análises... reflectem o seu manancial de saber.

Fazendo nossas as palavras de M. Peixoto “Que as tuas páginas, ao estilo do Dom Quixote *estejam onde devem e levem o vento na popa*”.



Meu Anjo Negro

Anjo meu
Negro do meu sofrer.
Na penumbra da tua imagem
trazes nuances ocultas que me dão vida.
Nas brumas que nos enlaçam
planas em doces tons de ternura.
Nos teus passos moves
as nuvens da minha paixão.
Dos teus lábios jorram sorrisos de cetim
numa aurora que nos envolve sem fim.

Anjo meu
Negro do meu sofrer.
As tuas mãos angélicas afloram
suaves carícias de amor.
A voz do teu silêncio murmura
o dócil embalar da felicidade.
Na meiguice do teu olhar
sussurras pinceladas de muitas cores
escondidas no negro colorido
deste inocente amor que dói
nas entranhas de um sonho sofrido.

Anjo meu
Negro do meu sofrer.
Quão dócil chegas a mim e trazes
nos teus gestos o jeito do teu carinho
És flor que perfuma o meu pensamento.
Desabrochas pétalas de doçura
que abrasam de teu odor
o sangue que me percorre o corpo
em impetuosos desejos de te amar.
És o grito ensurdecido da razão
deste amor ardente, constante.
És a cor que me ilumina e alenta
até que venha a morte apagar.

Viverei para ti

Odraíde

Saudade

É:
Amor no sentir, no ver e no viver e no transmitir agora o antes;
Perfume inebriante que existe no presente vindo do passado;
Registo de olhar fortuito que se confessa sem falar;
Sentimento contagiante de actor no teatro da vida;
Ser inconfesso e infindável epuro ao nascer,
Flor a desabrochar que abelha quer beijar;
Rosto, melena, cuidados para prender
Alma que se solta e deita a voar.

É:
Saber de energia incandescente;
Alucinação do subir, em montanha russa;
Bater na calçada e na fenda em suspenso ficar;
Roseira viçosa, cheia de pólen, no alforge do mendicante;
Ir por onde se sente e vive a lembrança do crescer interiorizado;
Natal à fogueira, sem frio e muita luz, naquela aldeia dos pais e do nascer,
Acordar e cogitar o que em nós ficou do mais profundo do viver e do Amar.

Saudade
É, é tanto, tanto, mas é, só,
Coração do fado e do ser portugueses.

Miguel Passarinho

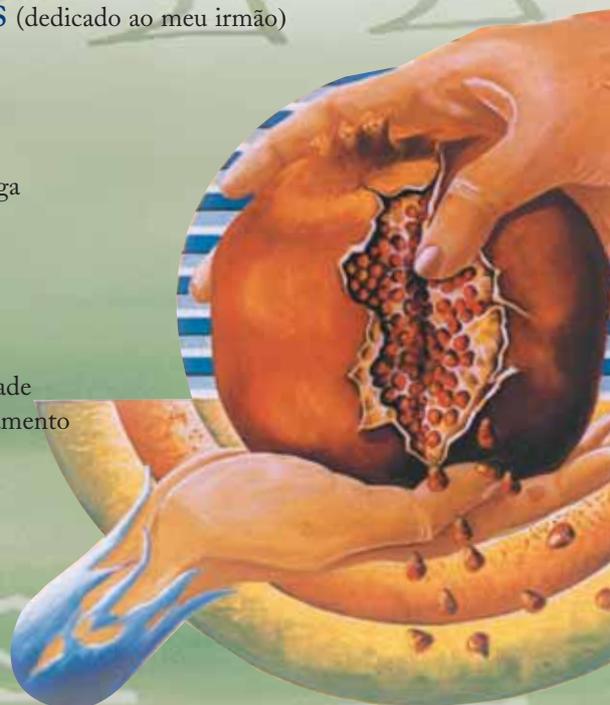
Os sentimentos (dedicado ao meu irmão)

A solidão foi minha amiga
Com o tédio até partilhei
Bons momentos
Não queria entrar nesta briga
Mas... caí no caldeirão
Dos sentimentos

Somos irmãos de verdade
No céu fizemos juramento
Se nos separam somos metade
Ao cruzar a dor, nem um lamento

Não renegarei a tristeza
Qualidade bem humana
Que faz parte da natureza
Da minha alma lusitana.

Edite Correia



O beijo

Os lábios
tocam-se, colam-se
As bocas unem-se
As línguas aconchegam-se, envolvem-se
Salivas se misturam
Infinidades de sensações
produzem melodiosos sabores
Tudo se envolve num bailado de gostos mútuos
em movimentos eróticos
Os corpos sentem as vibrações
emanadas das bocas sedentas
As mentes evadem-se ávidas de desejos
viajando bem longe em ondas celestiais
rumo incerto, desejado, sem retorno
Estamos sós.

Os lábios
As bocas quentes
movem-se docemente, freneticamente
À volta tudo é inexistente
Sorvemo-nos um no outro
O coração dilata-se
Tudo corre vertiginosamente
São bocas enlaçadas
unindo duas almas em amor
O beijo prolonga-se no espaço
tempo sem conta
Lentamente evoluímos, contraímos-nos,
relaxamo-nos, humedecemos
Ingerimos os fluídos destas bocas
que se procuram e se encontram
Ofega-se a respiração, soltam-se gemidos.

Neste beijo
que nos enlaça, enfeitiça,
possui-nos, hipnotiza-nos
Nada mais existe para além
Inspiramos no outro o seu respirar
Vivemos no seu expirar
Elevamo-nos ao cosmos num longo trajecto
interminável, no gozo de um desejo
que nos vence e guia, em incitamentos
de ternura e prazeres
Depois do beijo, deste beijo
O amor, a apoteose
O êxtase.

Odraúde

O Êxtase

Os nossos corpos enlaçam-se
Envolvem-se de amores escaldantes
Desejamo-nos mutuamente
Pensamos, agimos, em uníssono
Partimos em direcção incerta
algures no Cosmos profundo
Rebolamos em espaços vazios
Movemo-nos em balanços rítmicos
aleatórios, macrosensoriais
Caímos, levantamo-nos
Flutuamos sem peso nem volume
num qualquer buraco negro
Algures num espaço celestial onde nada existe
somente os nossos êxtases ecoam
Em actos crescentes amamo-nos
Fazemos amor em sublimes espasmos
Gemidos emanam em emoções expelidas do coração
Amamo-nos ainda e ainda, profundamente
O tempo parou
Carícias eróticas produzem em nós desejos
de mais e mais amor
Continuamos envolvidos
Possuímo-nos, estamos um no outro
Somos, temos, existimos, sentimos
Queremos, fazemos, elevamo-nos, extinguimo-nos
Nada mais existe
Estamos sós, um no outro
Simbiose, osmose
Semelhança emocional única
Dou-te amor, sou todo eu que acolhes
Retribuis-me tudo superiormente
em emoções divinais, és amor
Em êxtase atingimos orgasmos, jubilamos
Corpo e mente envolvidos de amores
partiremos de novo, onde tão bem estivemos
para o gozo final
Regressamos unidos nos nossos corpos
No pensamento, o desejo do recomeço
Descansamos, sonhamos um com o outro
Acordados ou dormindo, pensamos
na loucura deste amor
que nos invade e possui.

Odraúde

“Pessoas” para as pessoas



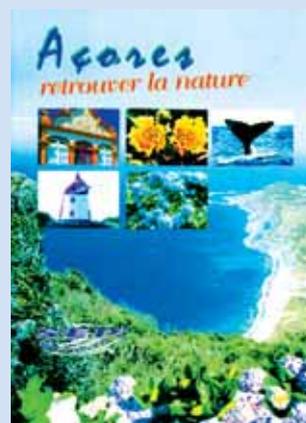
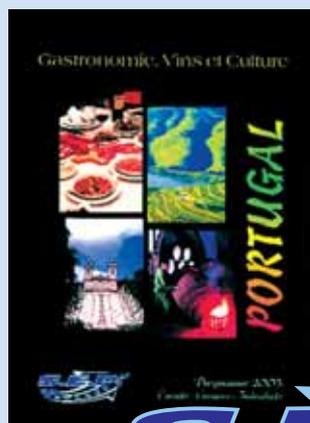
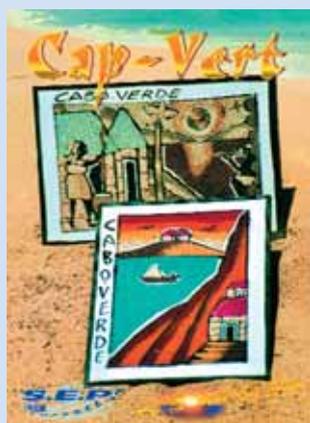
António Gedeão 1906-1997

António Gedeão é o pseudónimo literário do professor Rómulo Vasco da Gama Carvalho, poeta de rara originalidade e “diferente” assim o classifica a história da nossa literatura. Viveu muito à margem dos grupos literários, guardando distancia e independência relativamente às diversas escolas da época. Foi poeta, historiador, cientista e muito dado aos manuais de divulgação escolar e do trabalho.

A história do cinema, melhor que a história da literatura, retrace a época do poeta Gedeão que não sendo prisioneiro do Neo-Realismo, é dele geracionalmente tributário.

O chamado “Fenómeno da Transferência”, no princípio do século XX, acelera a crise que provoca o esgotamento das temáticas do social. Na Rússia o social converte-se em questão política. O herói soviético é a emulação do Estalinismo. Do outro lado do Atlântico a transferência

Há cem anos nasce um menino que cedo foi poeta apesar do talento se afirmar mais tarde, aos cinquenta anos com o livro “Movimento Perpétuo”.



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

Solicite os nossos catálogos!



L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

Demandez nos catalogues!

www.sepvoyages.com
agence@sepvooyages.com



faz-se noutro sentido. Virada sociedade de consumo, a América começa a viver à custa dos outros e desse modo, a esvaziar-se dos valores morais. É na velha Europa que irrompe a reacção e disponibilidade para encarar a sério o fenómeno humano e social do povo que sofre. Nasce o Neo-Realismo como corrente de valores duma consciência colectiva empenhada na reconstrução da sociedade sem heróis fantásticos nem altivez económica. Apenas uma vontade que seria norma e solução dos desequilíbrios e injustiças.

O poeta António Gedeão preso ao Neo-Realismo, sublinho, penetra noutros espaços ideológicos, como o surrealismo e a experiência do espírito “Presencista” português. Os seus poemas são uma cantata a todas as ocupações humanas, sempre exigente na abordagem dos fenómenos existenciais da solidão e do sofrimento. Uma obra literária repartida por três épocas: a infância, a juventude e a maturidade. Todos revelam talento e encanto, como fino humor e ironia castigante.

A sua primeira quadra – “que eu fiz aos cinco anos” – tem sido motivo de análise pedagógica para afirmar o carácter sobredotado do poeta-infante:

“Era uma vez um menino
Que não era nada feio
O que tinha de extraordinário
Era um feitiço no meio”

A palavra “feitiço” aparece no manuscrito corrigida doutra inicialmente escrita: a palavra “coisa”.

Coisa tem sentido generalizado de estranheza ou mistério. Feitiço é mais especificante o que revela um conhecimento semântico de grande observador apesar dos cinco anos de idade, segundo a biógrafa Natália Nunes.

Da juventude do poeta (1931-1942) alguns sonetos foram “salvados” da destruição. São versos com temas à mulher e ao amor. Uma fase lírica de inspiração camoniana, quando Rómulo era estudante de Ciências Físico-químicas no Porto.

Com a maturidade rompeu muros de timidez e orgulho – Natália Nunes – para publicar o que constitui o essencial da sua produção literária: *Movimento Perpétuo* – 1956; *Teatro do mundo* – 1958; *Máquina de Fogo* – 1962; *Linhas de Força* – 1967.

António Gedeão alimentou com Jorge de Sena uma correspondência abundante por onde deixa passar a vida de poeta e escritor. “Escrever poemas foi sempre para mim um estado de angústia, um sofrimento autêntico. Amontoei todo esse sofrimento durante anos até ao dia em que por motivos diversos me desfiz dele por completo na ingénua presunção que me estrangulava”. Queixume exigente de poeta perplexo e sofrido. “A vida é leve e arrendada” canta no poema *Adeus Lisboa*. Deixou-a a 19 de Fevereiro do ano 1997, em Lisboa onde vivia.

Bestiaire

Présent dans l'écriture, les peintures, les bas-reliefs et les sculptures monumentales, l'animal est au coeur de l'ancienne Egypte.

Auxiliaire d'une société essentiellement agricole comme le bœuf, ou prédateur comme le lion ou le crocodile, l'animal est omniprésent; il investit également le monde fabuleux de l'au-delà.

THOT prend l'aspect de l'ibis.

HATHOR, celui de la vache,

HORUS, celui du faucon, par exemple.

Cet ouvrage invite à la découverte; à côté des chefs-d'œuvre incontournables, il y a des documents souvent inédits qui révèlent toute l'originalité des artistes animaliers de l'ancienne Egypte. Ils sont les héritiers des populations



Le dieu Anubis à tête de chien, principal responsable des rites funéraires et des nécropoles, se penche sur une momie; à noter le lit en forme de lion (reproduction libre).

néolithiques tournées vers l'agriculture et l'élevage sans abandonner leurs activités de chasse dans le désert et de pêche dans le Nil.

L'animal est l'un des éléments de la création, signe visible des puissances originelles qu'il faut connaître et se concilier.

L'animal est présent dans le monde organisé issu du NOUN, masse liquide contenant potentiellement tous les éléments à venir.

Millennium

bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45
Tel. câmbio 022 908 38 40

Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34
Tel. câmbio 021 323 51 34

Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45
Tel. câmbio 044 240 50 46

égyptien

Le bestiaire anime et justifie la représentation magico-religieuse de l'Égyptien pour son environnement et pour la manifestation de forces opposées et complémentaires à la fois.

La lionne, par exemple, est l'image de l'ardeur solaire menaçant les humains et aussi d'une force apaisée annonciatrice de l'eau nouvelle de la crue bienfaisante, généreuse envers les habitants de la vallée du Nil.

Dans une scène funéraire comme la capture d'oiseaux au filet ou la chasse au canard sauvage, on fait appel en réalité à une symbolique autour de laquelle s'organise le devenir du disparu.

Les anciens Égyptiens jouent poétiquement avec les images; la vache nourricière, par exemple, met au monde un veau; elle est facilement perçue comme la représentation du ciel qui chaque jour enfante le soleil.

Rappelons pour terminer que l'auteur du texte, Philippe Germond, est égyptologue à l'Université de Genève. Parmi ses ouvrages signalons encore **Sekhmet et la protection du monde** (1981).

Jacques Livet est photographe; sa passion et sa connaissance des sites antiques lui ont permis

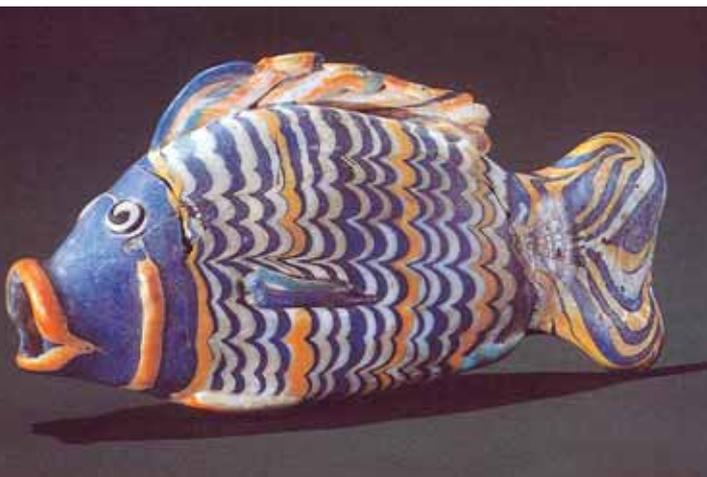


Sekhmet, déesse de la médecine, sous la forme d'une lionne, femme du dieu Ptah, de Memphis (Musée d'Yverdon).

de rassembler une fort belle collection de documents auxquels ont été jointes d'autres photographies de sites qu'il n'avait pas visités et des témoignages conservés dans des musées d'Égypte et d'ailleurs.



Le dieu Seth, sous la forme d'un hippopotame décoré de plantes aquatiques. Moyen Empire, 1900 av. J.-C. (Musée Britannique).



La déesse Naît, d'Esna, sous la forme d'un poisson. Vase pisciforme en verre, de El-Amarna, XVIIIe Dynastie, 1380-1350 av. J.-C. (Musée Britannique).

Bestiaire égyptien, texte de Philippe Germond, iconographie de Jacques Livet, au format 26 x 34 cm, 224 pages, 300 illustrations dont 85 en pleine page et doubles pages, toutes en couleur, aux Editions Citadelles & Mazenod, Paris, 2001, ISBN: 2-85088-174-0. Parties de l'ouvrage: l'univers profane; l'animal dans ses rapports avec l'homme; l'univers sacré; l'animal support et réceptacle divin.

Entre Troianos,

O homem é, quase sempre, produto do berço onde nasce, do mestre que o instrui e da história integral que o precede. Há lições difíceis de esquecer aprendidas nos bancos da escola e, para quem lutou e teve meios de aí aceder, da universidade. O epicentro dos eixos civilizacionais encontra-se no Médio Oriente. Ninguém poderá compreender o sentido do momento presente se não souber discernir a herança de que a história é detentora.



Rapto de Helena por Teseu

A Turquia actual ocupa um lugar privilegiado no cruzamento de etnias e de povos. Tem uma história desde a Antiguidade aos nossos dias, rica em mudanças num espaço posto a fogo e a sangue pelos deuses e pelos homens. É riquíssima em património histórico e como nos fascina, sempre que possível, embarcamos em viagem com o fito de aí vencermos o tempo e acedermos a um passado estruturador das nossas raízes. Antália tem sido o ponto de recepção e de partida, onde chegamos de saco vazio e donde saímos com ele cheio. A formidável saga dos turcos otomanos acaba por nos colocar também no caminho dos primórdios da colonização grega da Ásia Menor; do cerco e incêndio de Tróia; da expedição triunfante do exército de Alexandre Magno partido à conquista do Império Persa que o leva a passar por Tróia,

Éfeso, Pérgamo, Hierapolis, Tartessos, Faselis, Aspendos, Perge...; da conquista romana e consequente cristianização. Eis, esperamos, um amor que não corre riscos de desagradar se puder ser partilhado pelo leitor.

Quem nunca ouviu falar do rapto da famosa e bonita Helena, esposa do rei Menelau de Esparta, por Páris, filho de Príamo, rei da Ásia Menor que desencadeou a guerra de Tróia, na primeira metade do sec. XIII a. C? O relato foi vertido em duas narrativas épicas, a *Ilíada* e a *Odisséia*, escritas três a quatro séculos depois por um poeta cego, Homero. Eis o ponto de partida de fabulosos romances que caminham através da história, do mundo, das artes, da religião e da aventura. Quem desconhece o destino de uma cidade, cercada durante dez anos por exército confederado de cidades gregas e que se deixa trair por um cavalo enorme de madeira abandonado pelos sitiadores e construído a mando do manhoso e esperto Ulisses? Quem nunca leu ou viu imagens do regresso do herói grego à sua Itaca natal, onde o esperava a fiel Penélope? Narrativas grandiosas, ricas em detalhes de uma época que encontrara no bronze instrumentos e armas temíveis. As escavações iniciadas em 1872 por Heinrich Schlieman, na colina de Hisarlik, à entrada do estreito dos Dardanelos e posteriormente prosseguidas por outras missões arqueológicas, têm deixado no ar não a esperança mas a frustração de encontrar a grandiosa cidade de Ilion. O sítio foi ocupado por povos que aí deixaram testemunhos desde a idade do bronze. Perante a récita viva e clara da narrativa, a arqueologia ainda não conseguiu distinguir o certo do incerto, o provável do improvável. Se Ilion/ Tróia pode ser considerada uma cidade histórica e se situava na colina de Hisarlik, então toda a história do cerco é uma

em mudanças num espaço posto a fogo e a sangue pelos deuses e pelos homens. É riquíssima em património histórico e como nos fascina, sempre que possível, embarcamos em viagem com o fito de aí vencermos o tempo e acedermos a um passado estruturador das nossas raízes. Antália tem sido o ponto de recepção e de partida, onde chegamos de saco vazio e donde saímos com ele cheio. A formidável saga dos turcos otomanos acaba por nos colocar também no caminho dos primórdios da colonização grega da Ásia Menor; do cerco e incêndio de Tróia; da expedição triunfante do exército de Alexandre Magno partido à conquista do Império Persa que o leva a passar por Tróia,

Gregos e Romanos

efabulação e a Iliada, a exemplificação da maior hipérbole jamais concebida por escritor. A cidade, que viveu o cerco e soçobrou depois, reconstituída em painel para esclarecimento do visitante, é um pequeno burgo, com bem menos de cem metros de diâmetro. O frio, a neve e o vento glacial que a varria, quando da última visita, gelaram a imagem de sonho de criança, mais tarde ampliada pela disciplina de Cultura Clássica, superiormente dada pelo já lendário padre Manuel Antunes.

Deixámos aí muita da nossa fé em St. Homero. O inteligente e valoroso Alexandre (356-323 a. C.) o que teria sentido quando se recolheu em Ilion para honrar os seus heróis antepassados e inspiradores da campanha que acaba de iniciar? Teria sentido o mesmo? Foi o mais genial dos grandes conquistadores e libertador, tendo professado um respeito enorme pelas civilizações autóctones da Ásia. Arvorando o estandarte da cultura helénica dos que antes de si estavam convencidos da superioridade da sua civilização sobre as outras, 2300 anos depois do seu desaparecimento, a sua herança continua a questionar, a intrigar, a fascinar. Alexandre Magno recusou a superioridade grega e luta por instaurar uma nova forma de universalismo capaz de acolher as influências benéficas vindas de fora e que também eram capazes de transmitir um sangue novo à civilização grega.

Mais difícil ainda de compreender que os astros se tenham conjugado para festejar e saudar, na mesma noite, em 356 a. C., o nascimento do super-herói, em Péla, capital da Macedónia, a norte da Grécia, com o incêndio do templo de Artemisa em Éfeso. Estranha coincidência. As ruínas da cidade são, no conjunto, magnânimas e o perímetro de Artemision, 105 metros de longo por 55 de largo, que arrastava ao local



O exército de Alexandre

multidões de crentes na deusa da Fertilidade, com a sua floresta de colunas e revestimento em mármore, digna de figurar entre as *Sete Maravilhas* do Mundo Antigo. A dimensão igualmente das três grandes ágoras bem mais ricas de funções do que o rossio moderno das nossas cidades, o teatro, a biblioteca de soberbo frontispício reconstituído, os vários fontanários públicos e sagrados, as latrinas públicas, a rua central pavimentada de mármore, o porto asso-reado, o terceiro do Mundo Antigo depois do de Roma e do de Alexandria, o lupanar, os vários ginásios, o equipamento hidráulico que permitia abastecer a cidade abundantemente, colocam-nos no meio de uma multidão de 250 mil habitantes heterogénea: marinheiros, comerciantes, peregrinos, servidores, escravos, beldades femininas, notáveis de toga, escritores, compositores, actores, místicos, filósofos...

A parte alta da cidade correspondia ao sector administrativo, com a Câmara Municipal (Pritaneu) , a basílica civil, o Odeon, alinhados sobre o lado norte da ágora do estado. A cidade baixa, em frente do porto, compunha-se de templos religiosos e culturais: biblioteca, estádio, teatro. As habitações dos notáveis de um ou dois andares espalhavam-se pela encosta do monte Coressos e do monte Pião, de um lado e de outro da rua dos Coreutas. Éfeso foi cidade cosmopolita onde todas as tendências religiosas e ideológicas convivem, daí ter sido uma das

Entre Troianos, Gregos e Romanos

primeiras cidades que conta com um núcleo primitivo de crentes, evangelizados por S. Paulo, de 53 a 56 d. C. Não é difícil imaginá-lo, no local com melhores condições acústicas aren-



Helena e Páris – Pintura de Jacques-Louis Davide, 1788

gando, no final da representação de uma peça teatral, a 25 mil efésianos.

O espaço é já curto para sobrevoar Pérgamo. Da acrópole tem-se excelente panorama.

Impressiona o vestígio do aqueduto que do monte Pindasos, distante de 42 quilómetros trazia a água àquele ponto elevado da cidade. A conduta era constituída por 200.000 peças de tubo de 50 a 70 cm de comprimento. Ainda hoje qualquer engenheiro olha com respeito o problema técnico posto pelo encaminhamento como obra excepcional. Na época romana, face à grande pressão demográfica e às novas instalações termas e fontes adicionais, a cidade baixa passou a ser abastecida de água que percorria

80 Kms. Os arquitectos do aqueduto das águas livres de Lisboa, construído no tempo de Pombal, não tiveram mestres pergamenses, conhecedores da teoria dos vasos comunicantes. Que desperdício de tempo e dinheiro. A reconstrução integral da acrópole, do período áureo da cidade em que rivalizou com Alexandria, deixaria qualquer cidadão do mundo de hoje pasmado. Os palácios de Átalo II, Eumenes II, Átalo I e Philatere, a caserna, o entreposto do arsenal estavam adossados à muralha que corre de sul para norte. No interior da acrópole, no mesmo sentido, a ágora superior, o santuário de Zeus, levantado e levado por alemães, orna o Museu do Pérgamo em Berlim... o templo de Atenas, a biblioteca e o templo de Trajano são o recheio. Na parte ocidental da colina, o teatro fecha o complexo monumental que parece cair pela encosta do monte.

Entre os seus mais ilustres filhos figura Cláudio Galiano que procurou em Roma convencer os mais ricos ilustres cidadãos a visitarem a sua cidade natal. Que podiam aí encontrar? Qualquer coisa de raro e precioso: a saúde. Galiano foi um dos mais célebres médicos da Antiguidade Clássica. Descobre que o mental era uma das chaves do sucesso, importante para aceder à cura do corpo. A sua obra ainda hoje figura na biblioteca das Universidades de Medicina.



Triunfo de Alexandre Magno
(Alexandre Magno e o seu cavalo
Bucéfalo na batalha de Issus – 333 a. C.)

Observatório de Genebra



As Energias da Discórdia

Que Mundo teríamos se não houvesse petróleo, gaz e energia nuclear? Seria melhor, mais justo, sem conflitos entre Estados? Resposta difícil... mas uma coisa é certa: não estaria tão perigoso. Só por isso, valia a pena voltarmos ao tempo das lamparinas de azeite, irmos cedo para a cama e levantarmos com o acordar dos galos, sem olheiras, enxaquecas ou outras mazelas provocadas pelo desgaste das noites sem descanso.

Dou comigo a pensar nos tempos de um avô, uma avó, que foram nossos e vimos partir para o Além, desconhecendo por completo as angústias que minam os tempos actuais. E fico com uma certeza: foram mais felizes que eu...

Sentados na albarda de um burrito, viajavam até à cidade, maravilhados com a beleza das searas por si semeadas e contentes com a música do vento a entrar-lhes nos ouvidos. Como pessoas simples, davam graças a Deus por tê-las livrado de maus encontros e, felizes, regressavam a casa, onde tinham *muita gente* à sua espera. Impacientes, o cão e o gato vinham esperá-los ao caminho; a vaca, as ovelhas, o porco e as galinhas acolhiam-nos com um *canto curral* que só acabaria quando viam as manjedouras e gamelas bem cheias.

Enfiado num Airbus A-320 que voa muito acima das nuvens, e separado fisicamente da Terra à qual pertença, viajo por um mundo que não domino. Apesar da companhia de umas largas dezenas de outros turistas, sinto-me completamente só. Numa impaciência que me leva cada quatro minutos a consultar o relógio, des-

lizo da minha cidade para um país longínquo, à procura de mares azuis, coqueiros e gente exótica. Chego cansado, olho estranhamente para quem me dá as boas-vindas e vou ver se o mar está manso. Mas como o mar nada me diz, viro-lhe as costas e rumo ao hotel. Naufragado no fumo e no álcool, sem dialogar com as gentes que me haviam feito sonhar, queimo de tédio os dias que me separam do regresso à pátria, onde não terei cão nem gato à minha espera. Em contrapartida, a poluição provocada por fábricas e viaturas não tardará a vir ao meu encontro, envolvendo-me no manto pestilento com que se veste...



Em escassos duzentos anos – séculos XIX e XX, num movimento imparável, as novas técnicas de produção transformaram por completo a vida do homem. Com o aparecimento da máquina-a-vapor, o Ocidente descobriu a Revolução Industrial; a partir desse momento, estabelecer-se-iam as bases da geo-política moderna, enter-

As Energias da Discórdia



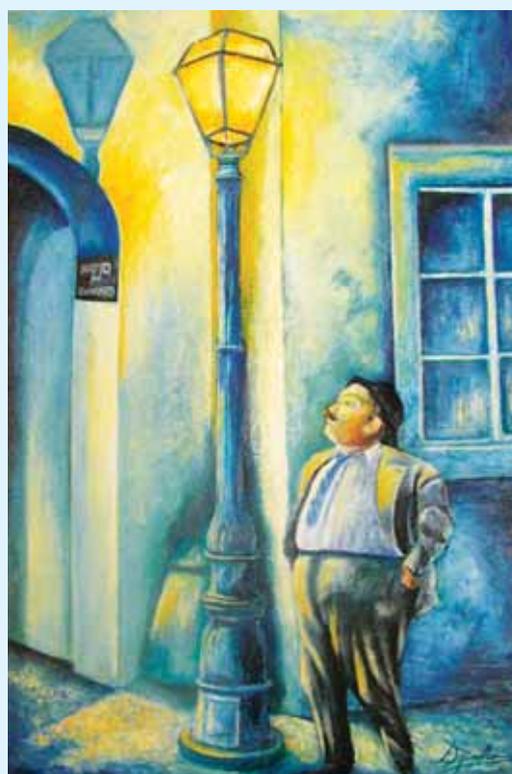
rando para sempre os conceitos – até aí tidos como inquestionáveis – da hegemonia das nações baseada na força das armas. O poder de um Estado passava a medir-se pela quantidade de bens produzidos e obtenção de novos mercados para o seu escoamento. Mas isso punha outros desafios à humanidade: a obtenção de matérias-primas para as indústrias emergentes, o aperfeiçoamento tecnológico, o peso da concorrência. Toda uma dinâmica que, aliada à descontrolada procura de novas energias para aumento da produtividade, desembocaria numa «catástrofe» conhecida pelo nome de **crescimento económico**. Um monstro que acabará por engolir este nosso mundo civilizado – a não ser que, rapidamente, se lhe ponha travão. Porque crescer indefinidamente, sem olhar a quê nem a quem, pode ser traumático para o que sobe. E para o que está ao lado, sujeito a ver um desequilibrado tombar-lhe em cima. A crescente tensão mundial à volta da energia – obra de um crescimento não-sustentado – mostra até que ponto nos tornámos escravos do progresso. A guerra no Iraque, as ameaças de conflito no Irão e o boicote russo à Ucrânia, são apenas três exemplos do barril de pólvora em que se tornou o nosso Planeta. Em nome do petróleo, da energia nuclear e do gaz natural... Lindos tempos em que o burro era senhor e rei da estrada!



Hino do Painei

Este Painei... tem a voz de Portugal
Este Painei... tem o sal doutras marés
Este Painei... é o refúgio natural
Duma saudade que se canta em português
Este Painei... tem as cordas da magia
Este Painei... tem a alma na garganta
Este Painei... tem o sal da poesia
Que brilha mais quando a saudade se levanta
Este Painei... também tem versos perdidos
Quando o ciúme mata a sede de conquista
Mas mesmo triste e com a mágoa nos sentidos
Este Painei... é o refúgio mais fadista

José Fernandes Castro





Viseu, cidade, não costuma ser referenciada como terra genuinamente fadista mas que serve de berço a amantes de fado, e isso constata-se imediatamente. E porquê? Foi numa dessas deambulações ocasionais que se fazem pelas ruas da cidade que reparámos no nome apelativo – **Painel do Fado** – entrámos para indagar se o espaço fazia jus ao nome.

Armindo Loureiro, viseense, o responsável da casa, coadjuvado por uma simpática equipa criou um ambiente descontraído e acolhedor.

“Desde pequeno acompanhava, cantando, os fados nos programas de televisão e nos convívios tocava e cantava para os amigos...” conta-nos Armindo Loureiro, enquanto se petisca o portuguêsíssimo chouriço assado.

Depois foi a vinda para a Suíça e já lá vão 27 anos de emigração. Fez amigos, muitos, porque a casa dele tem sempre a porta aberta a quem precisa. O bichinho do fado continua e com outros colegas funda o café Lisboa para nele se cantar a nostalgia desta canção.

“Não concretizei os objetivos... surgiram problemas e encerrou-se”. Veio integrar, posteriormente, um grupo de guitarristas e vozes que actuavam por toda a Suíça. Os convites tornavam-se muito frequentes, ainda bem; mas o cansaço era demasiado. “Agora neste espaço o fado acontece todos os dias.”

O **Painel do Fado** tem um elenco privativo: Américo César – viola; Armindo Loureiro – guitarra. As vozes: Amélia Maria, José Fernandes e Armindo Loureiro.

O típico desta casa de fados, além de ostentar nas paredes pinturas com Alfredo Marceneiro, Fernanda Maria, Amália... e outros fadistas, é ser o próprio elenco artístico, mais a simpática Zinda Lopes, a servir os clientes. E as mãos da fadista Amélia Maria também preparam um divino **bacalhau à lagareira e à painel**, e outros pratos “100% portugueses, até o chouriço e os pastéis de bacalhau o são”, afirma esta bela voz fadista e nós não duvidamos, porque já provámos.



Como os artistas estão sempre presentes no local, o fado acontece a qualquer hora, sempre que os clientes solicitarem. Quando, entre os visitantes, houver alguém com “jeitinho” para cantar pode fazê-lo, acompanhamento musical está garantido.

É garantido está o fado por estas bandas com um **Painel do Fado** aberto para regalo dos ouvidos, do paladar e, pela simpatia e bom acolhimento, da alma e do coração. Parabéns aos dinamizadores!

Painel do Fado (encerra às Terças – Feiras)
Rue des Deux Ponts, 23
1205 Genève

Tel: - 022 321 87 61
Fax: - 022 621 87 61

As Segadas e



Contando com a benevolência dos nossos estimados leitores, volto mais uma vez ao vosso convívio, com a minha rubrica de “Tradições” esperando não vos cansar.

Como estamos em plena época estival, vou referir-me neste apontamento, aos trabalhos das colheitas.

As gerações mais novas, nascidas e criadas já nestes tempos de mecanização agrícola, não fazem ideia do esforço que era necessário para fazer estes trabalhos da lavoura, totalmente executados à mão ou com auxílio dos animais. Hoje o cereal é ceifado, debulhado e ensacado na própria seara, assim como a palha enfardada e os respectivos fardos transportados dali para os lugares próprios, ou seja os palheiros, quando ainda não há muitas décadas, quando éramos moços – os que estamos agora na casa dos 60 e 70 – esses trabalhos eram muito diferentes.

Que movimento, que animação, no tempo das segadas!

Ranchos e mais ranchos de segadores vindos de terras distantes de além - rio, como da Eucísia, de Valverde, de Alfândega da Fé, da Cabreira, do

Nacho, apareciam montados nos seus jumentos. Havia um ditado popular que dizia: *já é segada, já se ouve a burricada*. Muitos segadores já eram conhecidos de uns anos para os outros. Cada grupo chamava-se uma “camarada” e já ficavam contratados para o ano seguinte.

Fins de Julho! Que sinfonia a dos carros de bois a chiar por todos os caminhos, desde madrugada até alta noite, transportando os “molhos” da seara para as eiras. Aí eram feitas as “medas” em forma cônica para, no caso de chover, escorrer a água para fora e não penetrar no cereal.

Cada lavrador tinha já o seu lugar certo na eira, como na missa!

Mês de Agosto! Tempo das “trilhas”! Eu não sei descrever o encanto e a magia que tinham essas noites de Agosto no tempo das eiras. Aquele luar, que até dizem que ganha ao do mês de Janeiro, e a ausência de frio davam um toque de festa aos trabalhos e às brincadeiras, nessas noites maravilhosas! Cantares e bailaricos, correrias e algazarra da garotada dando “pinchos” na palha fofa das “parvas”, depois embrulhar o corpo numa manta

as Trilhas

velha e dormir um bom sono em cima da palha “balga”...! (A palha “balga” era destinada a chamuscar os porcos nas matanças e a encher os enxergões das camas) Eram prazeres que davam saúde, alegria e cor às faces, mais do que o fumo do tabaco ou os vapores do álcool, que embrutece a juventude do nosso tempo.

A debulha era feita com o “trilho” - hoje é peça de museu – puxado por animais. A garotada encontrava aí também as suas delícias, dando voltas e mais voltas agarrados ao “baldão” e aparando numa cortiça côncava os excrementos dos animais para que estes não fossem sujar o grão da “parva”. Quando a “parva” estava suficientemente moída, juntava-se ao jeito do vento.

Este era um dos trabalhos mais divertidos de executar pois davam-se grandes trambolhões, que não magoavam porque a palha mole e fofa não permitia.

Quando o vento estivesse favorável fazia-se a “limpa”.

Com a forquilha de pau atirava-se a mistura ao ar.

O grão caía e ficava ali no “mó”, a palha, mais leve, era levada pelo vento.

As mulheres com os “baleios” iam varrendo as impurezas e retirando alguma espiga que ficasse com grão.

E que ricas merendas, ao fim da tarde ou já pela noite dentro! Não eram necessários bancos ou mesas. Comiam-se, de joelhos no chão, os petiscos e pratos tradicionais colocados em cima da toalha de linho alvo estendida em cima de palha. Pão caseiro, presunto, salpicão, queijo, azeitonas, bacalhau, cabrito, borrego, saladas...e a indispensável cabaça de vinho de colheita. Tudo saboreado entre gargalhadas.

Lá ficavam os sacos cheios, formando uma pirâmide até ao dia seguinte, vigiados pelo dono, não houvesse algum “ajudante” que os quisesse levar para destino desconhecido.

Muito mais se podia dizer sobre as segadas e as “trilhas”, fica porém este apontamento para os mais jovens que se interessam em descobrir os nossos usos e costumes.



Pessoas

conto



Como

Contam que, uma vez, reuniram-se os sentimentos e as qualidades dos homens, num lugar da terra.

Quando o **Aborrecimento** havia reclamado pela terceira vez, a **Loucura**, como sempre tão louca, propôs-lhe:

– Vamos brincar às escondidas?

A **Intriga** levantou a sobrancelha, intrigada, e a **Curiosidade**, sem poder conter-se, perguntou:

– Escondidas? Como é isso?

– É um jogo – explicou a **Loucura** – em que eu fecho os olhos e começo a contar de um a um milhão enquanto vocês se escondem e, quando eu tiver terminado de contar, o primeiro de vocês que eu encontrar ocupará o meu lugar para continuar o jogo. O **Entusiasmo** dançou, seguido pela **Euforia**.

A **Alegria** deu tantos saltos que acabou convencendo a **Dúvida** e até mesmo a **Apatia**, que nunca se interessava por nada. Mas nem todos quiseram participar: a **Verdade** preferiu não se

esconder; para quê, se no final todos a encontravam?

A **Soberba** opinou que era um jogo muito tonto (no fundo, o que a incomodava era que a ideia não tivesse sido dela) e a **Covardia** preferiu não se arriscar.

– Um, dois, três, quatro... começou a contar a **Loucura**.

A primeira a esconder-se foi a **Pressa**, que, como sempre, caiu atrás da primeira pedra do caminho.

A **Fé** subiu ao céu e a **Inveja** escondeu-se atrás da sombra do **Triunfo**, que com seu próprio esforço, tinha conseguido subir até à copa da árvore mais alta.

A **Generosidade** quase não se conseguia esconder, pois cada local que encontrava lhe parecia maravilhoso para algum de seus amigos – se era um lago cristalino, ideal para a **Beleza**; se era a copa de uma árvore, perfeito para a **Timidez**; se era o voo de uma borboleta, o melhor para a

PORTUGAL CONTINUA A DAR ALEGRIAS.



SOLUÇÕES MG EMIGRANTE. TENHA ORGULHO NOS SEUS RENDIMENTOS.



MONTEPIO GERAL

HÁ VALORES QUE DURAM SEMPRE

explicar o Amor



Volúpia; se era uma rajada de vento, magnífico para a **Liberdade**. E assim, acabou por se esconder num raio de sol.

O **Egoísmo**, pelo contrário, encontrou um local muito bom desde o início. Ventilado, cómodo, mas apenas para ele.

A **Mentira** escondeu-se no fundo do oceano (mentira, na realidade, escondeu-se atrás do arco-íris), e a **Paixão** e o **Desejo** no centro dos vulcões.

O **Esquecimento**, não me recordo onde se escondeu, mas isso não é o mais importante.

Quando a **Loucura** estava lá em 999.999, o **Amor** ainda não havia encontrado um local para se esconder, pois todos já estavam ocupados; até que encontrou um roseiral e, carinhosamente, decidiu esconder-se entre suas flores.

– Um milhão – contou a **Loucura**. E começou a busca.

A primeira a aparecer foi a pressa, apenas a três passos de uma pedra. Depois escutou-se a **Fé** discutindo com Deus, no céu, sobre Zoologia. Sentiu-se vibrar a **Paixão** e o **Desejo** nos vulcões.

Por mero acaso, encontrou a **Inveja**, e claro, pode deduzir onde estava o **Triunfo**.

Ao **Egoísmo**, não teve nem que procurá-lo: ele saiu sozinho, disparado, do seu esconderijo, que na verdade era um ninho de vespas.

De tanto caminhar, a **Loucura** sentiu sede e, ao aproximar-se de um lago, descobriu a **Beleza**. A **Dúvida** foi mais fácil ainda, pois encontrou-a

sentada sobre uma cerca, sem decidir de que lado se esconder.

E assim foi encontrando a todos.

O **Talento** entre a erva fresca; a **Angústia** numa cova escura; a **Mentira** atrás do arco-íris (mentira, estava no fundo do oceano); e até o **Esquecimento**, de quem já se tinham esquecido que estava a brincar às escondidas.

Apenas o **Amor** não aparecia em nenhum lugar. A **Loucura** procurou atrás de cada árvore, em baixo de cada rocha do planeta e em cima das montanhas.

Quando estava a ponto de dar-se por vencida, encontrou um roseiral. Pegou uma forquilha e começou a mover os ramos, quando, no mesmo instante, se escutou um doloroso grito: os espinhos tinham ferido o **Amor** nos olhos.

A **Loucura** não sabia o que fazer para se desculpar: chorou, rezou, implorou, pediu perdão e até prometeu ser a guia do **Amor** para sempre.

Desde então, desde que pela primeira vez se brincou às escondidas na Terra, o **Amor** é cego e a **Loucura** sempre o acompanha.



Direction régionale Canton de Genève
Rue Céard 1
1211 Genève 3
www.nationale.ch

Jean-Pierre Bula

Agent général adjoint

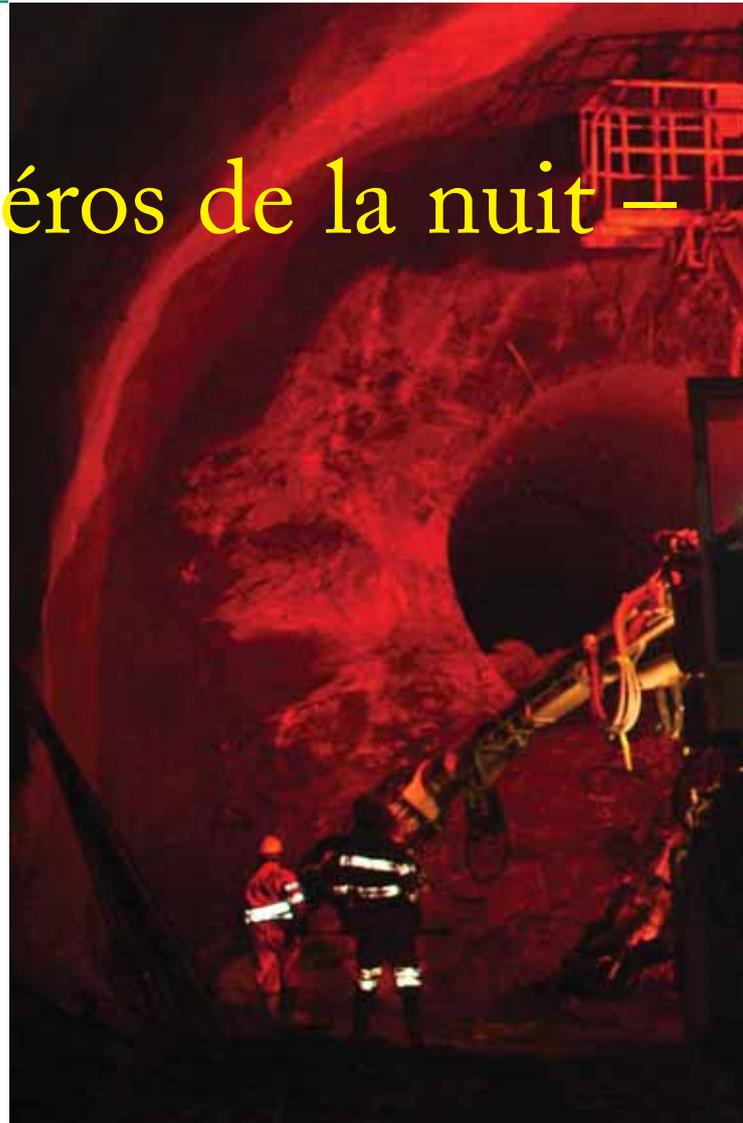
Assurances toutes branches

Tél. 022 318 39 73 • Natel 079 353 84 85
Fax 022 318 39 49
jeanpierre.bula@nationale.ch

Héros de la nuit –

Les ouvriers du tunnel de Stägjitschugge, au-dessus de Viège, sur la route qui mène à Zermatt, entre Stalden et St. Niklaus, connaissent bien la nuit. Ils travaillent à la lumière des projecteurs et de leur lampe frontale huit heures et demie par jour. Sans sortir de leur tunnel. Alors que l'on fête en mai 2006, les 100 ans de la mise en exploitation du tunnel du Simplon (qui a connu au cours de sa construction une succession de drames avec des dizaines de morts (58 victimes), des épidémies de typhus, des grèves) et que l'on construit les NLFA (Nouvelles lignes ferroviaires alpines) du Lötschberg (ouverture à fin 2007) et du Gothard (ouverture probable vers 2015), nous nous sommes intéressés à la construction d'un tunnel routier de moindre envergure, mais bien représentatif des conditions et des difficultés de ce travail. En 100 ans, les machines ont pratiquement remplacé l'homme, le nombre d'ouvriers nécessaires à de telles constructions a fortement diminué: tunneliers et foreuses jumbo au lieu de la force des bras et du poignet. Mais les difficultés demeurent et le risque aussi. Les travailleurs étrangers (Italiens surtout) sont venus en nombre pour construire les grands ouvrages valaisans. Et cela se poursuit actuellement. Avec de plus en plus de Portugais (actuellement 20 à 60% de Portugais dans les chantiers de tunnels).

Notre guide, **António Almeida**, est Portugais. Il vient de la région de Pampilhosa da Serra. Spécialiste en explosifs, il nous conduit à travers le tunnel, d'abord en camionnette puis à pied. On sent qu'il est à l'aise. Nous, un peu moins. «Nous ne portons pas de masque en général, il y a une très bonne ventilation dans ce tunnel. Ce qui n'est pas toujours le cas», nous précise-t-il en marchant dans le tunnel vers la foreuse jumbo multibras *Robodrill*. Tous les deux ans, ils sont soumis à un



Voyage au centre de la terre... autour de la galerie pilote, la foreuse Robodrill et ses bras.

examen des poumons. Deux équipes d'ouvriers œuvrent dans ce tunnel et se partagent l'horaire de 6 heures à 23 heures, avec congé le samedi et dimanche. Un horaire bien agréable pour un mineur. Car ce n'est pas toujours le cas dans les tunnels où souvent des équipes de trois se relaient 24 heures sur 24.

Un travail pénible. Ces ouvriers, qui sont tous conducteurs de machines, ont une grande expérience acquise dans des mines ou d'autres tunnels. L'argent n'explique pas tout. Il faut du courage pour rester huit heures trente dans de telles conditions et travailler. Même s'ils sont relative-

des Portugais au centre de la terre



Notre guide, António Almeida, aime son travail et cela se voit.

ment bien payés (20 à 30% de plus que les autres travailleurs de la construction ou du génie civil), encore faut-il avoir le courage d'affronter un tel environnement. António Almeida précise que certains ouvriers viennent quelques jours et qu'on ne les revoit plus ensuite.

Nous avons rencontré **Rogério Almeida**, mécanicien depuis dix-sept ans. Et l'ouvrier le plus âgé, avec ses 49 ans. Il a travaillé dans des mines de cuivre et la mine de wolfram (tungstène) de

Panasqueira au Portugal, puis est venu en Suisse. Toujours très occupé, surtout lorsque des machines tombent en panne et qu'il doit venir d'urgence.

Francisco Freitas, conducteur de machines de chantier au Portugal, est arrivé en Suisse il y a dix-sept ans et a pratiquement tout de suite travaillé dans les tunnels. Après le Lötschberg, il s'attaque donc à ce tunnel et nous explique en détail les travaux. Une galerie pilote et une galerie de sécurité ont été percées en 2004 au moyen d'un tunnelier. La galerie pilote, d'un diamètre de 3 à 4 mètres, sert de fil conducteur pour la construction du tunnel. Ensuite, une foreuse jumbo à trois bras (*Robodrill*) entre en action. Les bras de cette machine, commandée par ordinateur, percent des trous de minage de 5,5 mètres dans la roche, tout autour de la galerie pilote. On y place ensuite l'explosif liquide (matrix). Après l'explosion, les parois sont nettoyées pour éviter toute chute de rochers. Les matériaux d'excavation sont concassés et transportés par camion à l'extérieur. Le béton projeté vient enrober les parois et l'on procède ensuite aux travaux de soutènement à l'aide de tirants d'ancrage. Il faut prévoir également le drainage des eaux d'infiltration, l'excavation du sol et le coulage du radier.

A la fin 2008, lorsque vous vous rendez à Zermatt et franchirez en voiture en quelques minutes ce tunnel, pensez à ces hommes qui sont restés de nombreux mois à affronter la roche, la poussière, la fumée, l'obscurité, le bruit, l'humidité! Ce sont un peu des extraterrestres ou des ouvriers de l'enfer. Ils ne sont pas vraiment d'ici. C'est peut-être pour cela qu'ils viennent souvent d'ailleurs. Et peu de gens sont à même d'évaluer vraiment leur courage, sauf peut-être les gens qui travaillent avec eux. On ne parle guère de la peur. Mais elle est là. Malgré tout. Travaillez dans les entrailles de la terre, c'est sûrement une affaire réservée à des héros qui souvent s'ignorent.

Héros de la nuit – des Portugais au centre de la terre



L'équipe de l'après-midi se prépare à entrer dans le tunnel... durant huit heures trente

L'ingénieur responsable de l'ouvrage, **Rolf Dubach**, qui a passé six ans au Lötschberg, nous parle de ces ouvriers, qu'il connaît bien, avec admiration.

Il travaille souvent avec des Portugais. Rolf Dubach leur parle en français et il n'y a aucun problème de communication.

Pour l'instant et heureusement, aucun accident n'est à déplorer dans ce tunnel et les conditions géologiques sont favorables. Au Lötschberg, il a été confronté à la mort de cinq ouvriers. Des moments difficiles. Il insiste sur le fait que la routine dans ces conditions extrêmes peut s'avérer fatale. De simples inattentions et les conséquences s'avèrent dramatiques.

Une fois le tunnel terminé, les ouvriers ne savent souvent pas quel sera leur prochain chantier. Ainsi, les travailleurs du Lötschberg sont passés de quelque 1000 ouvriers à 100 actuellement pour le côté valaisan. Nombreux sont ceux qui ont dû se résoudre à s'inscrire au chômage. C'est un peu l'incertitude et l'aventure. Les mineurs se rencontrent au gré des différents ouvrages. Rolf Dubach

a ainsi retrouvé sur ce chantier un ouvrier avec lequel il avait travaillé au tunnel du Regrouillon (Sierre-Noës) quinze ans auparavant.

Le tunnel en quelques chiffres

Début: 2003

Galerie pilote: 15 juin 2004

Galerie de sécurité: 16 décembre 2004

Fin prévue: automne 2008

Longueur: 2,3 km

Coût des travaux: 105 millions actuellement

Avancement: 9 m par jour en moyenne (jusqu'à 11 m)

Deux équipes qui se relaient de 6 à 23 heures

Coupe transversale: 70 m²

Nombre d'ouvriers: 50 (Italiens, Suisses, Portugais et ressortissant des Balkans)

Consortium d'entreprises: Ulrich Imboden AG (30%), PraderLosinger SA, Murer-Strabag, Dénériaz, Theler, Evéquo

Prémios de sucesso

Nada melhor para se ver e saborear do que um homem, do que uma mulher de sucesso! Exactamente, como acontece com os jogadores da Selecção e com as beldades que os acompanham.

Nada melhor, nos dias de hoje, do que ser um futebolista de sucesso, um treinador de sucesso, um comentador desportivo de sucesso, um espectador de sucesso, um sócio de sucesso.

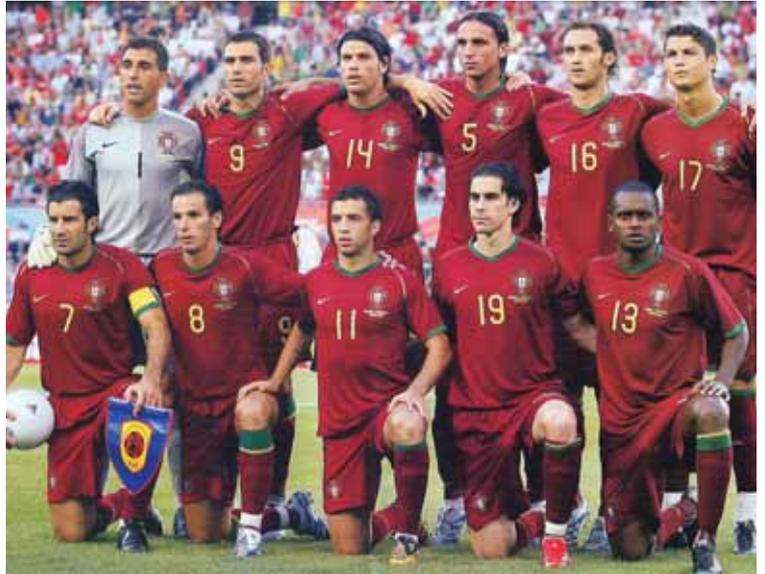
Mas ser futebolista, chegar às meias-finais do campeonato do mundo, ter um ego do tamanho de um sonho, ganhar jogos, ouvir gritinhos femininos, sentir a admiração de inteligentes e pacóvios, encher horas e horas de TV e, ainda por cima ter um prémio de participação de 50.000 euros, não será isso um estrondoso sucesso?

Ter tido isso e, para cúmulo da glória e do sucesso, não pagar um cêntimo desses 50.000 euros a um fiscal qualquer de uma repartição qualquer de um país chamado Portugal, não será isso o maior sucesso a que possa aspirar um jogador, do Minho ao Algarve?

Imagine, caro leitor, o que diz a sua prima do governo e dos impostos quando o patrão lhe dá mais uns cobs, no final do ano, a título de prémio de produção. Sinta, caro leitor, quanto lhe dói ter de dar andamento a uma carta da repartição de finanças dita, por estes lados suíços “Hôtel des Finances” por causa de uma coisinha que colocou a mais, no seu formulário dos impostos. Raiva e desgosto de viver nesta terra, neste país e de pagar tantos impostos!!! Nessas alturas, gostava de ter uma Federação bem pertinho.

É por isso que me custa entender que não exista uma Federação que nos defenda de tantos fiscais, e um montão de advogados que nos apoiem em tantas ocasiões difíceis. Custa-me não ser capaz de pedir, ao Governo, um descontozinho, um abatimento ou, mesmo uma anula-

ção do meu imposto, para poder partir de férias para as Caraíbas ou para o Algarve. Merecidas férias, sem dúvida após 11 meses de trabalho duro e ardente e não após um mês de trabalho, tratado como se fosse um príncipe, dormindo



em hotéis de luxo e a andar sempre protegido pela polícia.

Sinceramente, o que mais me custa a entender é que os meninos da bola tenham atitudes parecidas com as das meninas da rua quando recebem o prémio do passe, da finta ou do penalti: dinheiro no bolso, cliente na rua e amnésia fiscal. Francamente. Enquanto uns o ganham no suor dos estádios e no calor dos aplausos, as outras ganham-no na escuridão de uma ruela e no silêncio de um quarto.

A diferentes modos de vida, imposto diferente. E quem tem prémios de jogo ou do jogo, que pague impostos, a bem da igualdade de direitos e de deveres. Para que os prémios de sucesso oferecidos, principescamente, aos meninos da bola façam deles, social e politicamente, jogadores e cidadãos sucesso.

Meu querido Álamo

Estou definitivamente convencida que pertencemos, tu e eu, ao grupo das pessoas cuja passagem por este mundo não passa despercebida. Modéstia à parte, podemos não ser bonitos, mas somos seguramente aquilo que, em linguagem bem moderna, se pode designar por “pessoas interessantes”. Há, seguramente quem não goste, mas são muitos mais os que apreciam. Daí que não saiba como é possível que, pessoas como nós, tenham levado tantos anos para se descobrirem mutuamente, sobretudo quando vivem num espaço físico tão curto como são os Açores, ainda por cima no meio de gente mexeriqueira e metediça como são os nossos conterrâneos.

O certo é que, durante muitos anos, vivemos ambos nos Açores, tu na Terceira e eu nas Flores. Tu não me conhecias, porque eu não pertencia ao grupo dos colunáveis da terra da tua afeição mas eu já ouvira falar de ti muitas vezes: escritor, actor, manager do Alpendre, poeta de letras para marchas de Sanjoaninas, sempre te



imaginei um homem singular, sem emprego que não fosse essa dobadoira de vida artística a correr de uma banda para a outra à procura de festas! Sabes? Cheguei a ter inveja de ti! Sempre sonhara com o palco, um palco onde pudesse exprimir tudo o que me vai na alma até às lágrimas, aplaudida por muito público, com encena-



HORA LUSITANA

*A sua emissão de rádio
em português.*

*Sábados e Domingos 13h / 15h
Genève, 92.2 FM - cabo 98.6*

*Comunicar é a nossa força!
Há 18 anos que em português
nos entendemos!*

Case postale 1111 • 1211 Genève 1
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59
horalusitana@radiocite.ch

ção e direcção artística de “Álamo de Oliveira”.

Nunca aconteceu. Até hoje apenas pisei o palco umas dúzias de vezes, na pequenez da minha terra, para um público sedento de acontecimentos, dirigida por mim e pelo meu primo António, um homem lindo como tu, que adoro mais que a um irmão, porque me incentivou sempre ao sonho e me ajudou a tornar realidade algumas da minha loucuras.

Tu pertencias, pois, ao universo dos meus segredos inconfessáveis. Eu pensava que para chegar a ti era preciso “meter cunhas”, “fazer pedidos” e sofrer humilhantes traumas.

Um dia, não me lembro bem em que ano, estava eu na Terceira, numas sanjoaninas e fui ver uma representação do Alpendre, ainda sob a tua direcção.

(...) Ainda sou desse tempo. O tempo em que os heróis estavam muito longe do seu público. Em poucos anos, essa situação inverteu-se muito. Hoje sabe-se tudo sobre a vida dos colunáveis, toda a gente os conhece e abraça, frequentamos os mesmos bares, bebemos os mesmos copos, na mesma noite.

A globalização é uma ladra de ilusões numa época em que todos precisamos de salpicar de sonho a dureza das nossas realidades.

Onde estive contigo a sério foi em Tulare no sonho de viagem que foi a minha participação nos Filamentos da Herança Atlântica no ano passado. O Diniz fez o milagre de me levar à Califórnia, e de me colocar frente a frente com gente linda que adorei, como sabes. Mas fez



Paisagem da ilha das Flores

também o favor de me colocar frente a frente contigo.

Acho que aprendi a conhecer-te, ali mesmo, no coração da América, onde tu encaixas com uma desusada harmonia. Logo no primeiro dia, quando preocupado e solícito, foste colocar com “engenho e arte” os quadros do Nuno da Câmara Pereira, que o Diniz recuperara depois de uma longa e cansativa viagem de milhas e milhas de medo que falhasse a primeira acção do encontro!

Foi ver-vos, depois, aparecer na exposição, com um ar fresco e lavado, como se tudo tivesse acontecido por milagre, sem necessidade da vossa intervenção quando, muitos de nós sabíamos que, sem vocês, não teria havido exposição. Foi mais tarde ver-te puxar do papel e ler aquela coisa linda de texto que se chamava “I coração vermelho Califórnia”. A figura do coração vermelho enterneceu-me até à garganta seca. Pigarreei para não chorar, com a ingenuidade

Meu querido Álamo



doce da figura que as minhas crianças utilizavam na escola quando, pouco alfabetizadas ainda, queriam exprimir o seu afecto, no tempo em que a Califórnia pertencia ao universo dos meus sonhos. Era um texto estonteante em que relatas com tanta graça e ao mesmo tempo tanta amargura, o sentir colectivo de emigrantes e visitantes, d' aquém e d' além mar, portugueses todos, açorianos quase todos. Falavas da tua mãe e dos retoques que ela dava às farpelas bonitas das sacas americanas. Tão lindo!

Parecia que das tuas palavras saía a magia da alegria, a dor da saudade, o desconforto da ausência e tantos, tantos outros sentimentos num fio de palavreado tão verdadeiro e sentido que fiquei ali, com o coração às voltas, sem saber se havia de chorar ou rir. Foi um tempo mágico de silêncio cúmplice, aquele em que usaste da palavra. Pela minha cabeça passaram marés de emoções. Envergonhei-me do meu cumprimento de mão suada naquela noite no Alpendre e de tudo o que pensara de ti. Naquela tribuna, em Tulare, estavas tu, um açoriano inteiro, que podia perfeitamente ser um emigrante a dar duro nas leitarias da Califórnia ou um intelectual açoriano nascido

no Raminho e milagrosamente destacado em Tulare, para comover uma sala que te aplaudiu como merecias.

(...)

Durante o encontro não te poupei as descaradas declarações de simpatia, pela tua estranha capacidade de estar em todos os ambientes condizendo sempre com o pano de fundo de todos eles. Mas senti necessidade de colocar por escrito, esta modesta declaração de afecto que é também uma constatação de que vivemos todos muito enganados acerca uns dos outros. Afinal tu tens um emprego, trabalhas que te matas, só fazes poemas e cantigas nas horas que roubas ao teu lazer quando muitos outros estão nos “copos” ou em amena cavaqueira com os amigos. Tu sonhas, tu gostas dos teus amigos, tu sabes contar anedotas, tu gostas de rir, tu choras se te emocionas, ris à gargalhada se achas graça e, se calhar, sofres de solidão nesta nossa terra que são os Açores! Como muita gente sofre!

Perdoa-me por só agora estar a declarar que ainda não conheço mas já gosto muito do Álamo de Oliveira. Que estou certa de que os Açores têm em ti uma mais valia que devem aproveitar porque tu fazes crescer as ilhas todas, porque és um cidadão do mundo, porque os teus horizontes não se confinam à localidade onde nasceste. Tens uma vocação universalista e criativa que te torna dono de uma poderosa capacidade de mudar as coisas sempre que tu queiras.

Não tenho nada para te ensinar, mas tenho muito a aprender contigo.

Gostava de ainda um dia poder trabalhar em teatro sob a tua orientação de mestre.

Termino estas mal traçadas linhas com uma confissão:

I, CORAÇÃO VERMELHO, ÁLAMO DE OLIVEIRA!

LUANDINO VIEIRA

Prémio Camões 2006



Prémio Camões 2006 distinguiu o escritor angolano Luandino Vieira que o recusou por «razões pessoais e íntimas».

Imprensa portuguesa, Maio de 2005

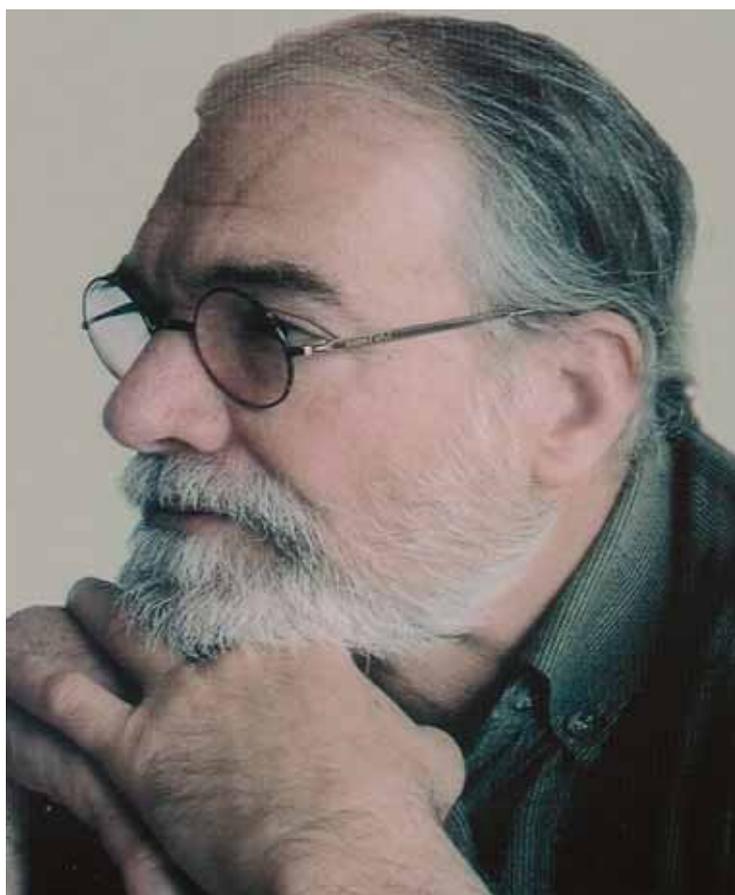
‘Amanhã [...] Luandino Vieira será não só um dos vultos eminentes da Literatura Portuguesa, mas ainda uma figura de realce mundial, por pouco que um eco dos seus contos tão belos, tão comoventes, de um tão límpido e ácido lirismo, chegue aos areópagos da literatura contemporânea.’ Urbano Tavares Rodrigues (1965)

O vaticínio de Urbano, tão arrojado há mais de 40 anos, veio a confirmar-se com a profusão de estudos, ensaios, teses, comunicações de todo o género que a obra de Luandino tem suscitado nas mais prestigiadas Universidades do Mundo.

José Luandino Vieira manifestou-se através da obra já editada um exímio, talentoso e extraordinário contador de “estórias”: narrativas curtas, na sua generalidade centralizadas na vida dos musseques, que nos oferecem uma visão “antropológica” desses bairros: as suas actividades quotidianas, os seus moradores, o sistema racial e as relações sociais e de trabalho, o folclore e as tradições.

A infância e a sua memória constituem temas-chave da obra de Luandino quase sempre numa perspectiva autobiográfica, sem que isso signifique «autobiografia»: na vivência de infância e juventude “feita em condições de convivência no musseque da cidade de Luanda em 1937, 38, 39, 40, 41” vai colher todo o material para a sua obra.

Referindo-se a *Nós, os de Makulusu* afirmou tratar-se de “uma obra autobiográfica mas num sentido muito especial: [...] Quero dizer, recordo-me que, mesmo desde criança, isso se passa comigo: constantemente, enquanto estou a agir, estou simultaneamente a imaginar uma acção que,



englobando elementos daquilo que eu estava a fazer, não é exactamente como estou a fazer, gostaria que fosse doutro modo. Mais tarde interpretei isso como sendo um sinal de que, de qualquer modo, tinha uma vocação para narrar, [...] Nesse sentido *Nós, os de Makulusu* é autobiográfico. Há uma família de colonos. De qualquer modo há na mãe coisas que são da minha mãe, mas a minha mãe é muito diferente da mãe que está no livro. Há muito poucas coisas do meu pai. Contudo o comportamento do pai do livro está muito próximo do comportamento do meu pai.”

Prosseguindo para *No Antigamente na Vida* diz ser este “um livro para se ler devagar, porque as histó-

LUANDINO VIEIRA Prémio Camões 2006

rias que lá estão também são histórias de um tempo que é já tão distante, a infância, e que tentei descrever a tal nível que é já uma reflexão, não sobre a infância, mas sobre o significado de muitas coisas que passam na infância.”

Na contracapa da 1ª edição de *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto e Eu* podemos ler: “Estas três estórias são o rascunho de uma parte da minha vida. Um dia passarei a limpo. Exercícios de aprendizagem do meu ofício: escritor.”

João Vêncio: Os Seus Amores o “récit de vie” realizado numa prisão temos toda uma recordação da infância do protagonista com a particular incidência da sua passagem pela escola e pelo quanto a professora o reprimia: “Levei dez palmatoadas [...] a sô pessoro era uma cangunda maniosa, xingou-me e bateu-me. Engoli raiva e ranho.” (pp.26/7).

Na opção de linguagem das suas personagens o autor revela a necessidade de criar um discurso homólogo ao do povo, ou seja, de apreender os mesmos processos de construção “conscientes ou inconscientes de que o povo se serve para utilizar a língua portuguesa, quando as suas estruturas linguísticas são, por exemplo, quimbundas [...] interessava-me a estrutura própria da frase, a estrutura do próprio discurso, a lógica interna desse discurso.”

Esta vontade e percepção de construção do discurso literário “luandino” foi posteriormente reforçada com a leitura de algumas obras do escritor brasileiro João Guimarães Rosa: “A lição do Guimarães Rosa foi essa: quando o instrumento que nós temos não serve, o escritor tem a liberdade e a responsabilidade de fazer um instrumento novo, depois pode ser que o instrumento fique mal feito e não sirva para o fim a que se destinava, mas pode ser que sirva para outros fins, pode ser que esse instrumento que se fez seja pior ainda do que aquele que já se tinha.” E assim, confirmamos o juízo de Maria Lúcia Lepecki quando diz que escrita de Luandino Vieira “é síntese de um padrão literário comum a todos os espaços de Língua Portuguesa com um outro padrão literário, mas especificamente angolano [...] é inventiva ágil, atenta às potencialidades do “Português em boca angolana.”

Sucessivas edições e traduções da sua obra marcam e confirmam a qualidade deste autor maior das Literaturas em Língua portuguesa e, particularmente, da Literatura Angolana e teriam justificado um **Prémio Camões** há muitos anos...



Temos a certeza de que a **Pessoas** passa a fazer parte do seu dia-a-dia. Não perca tempo. Este é o cupão de assinaturas.

Preencha-o e devolva-o. **Já!**

Pessoas magazine – Case Postale 1877 – 1211 Genève 1

Nome/Non:

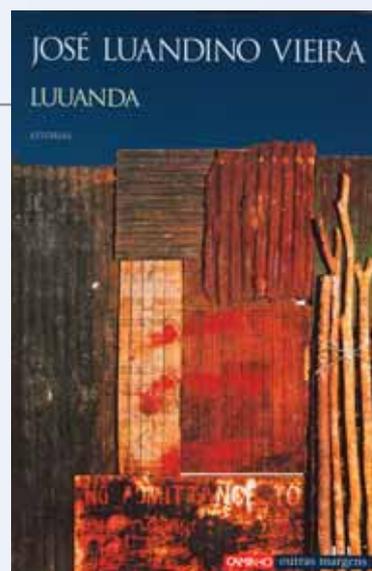
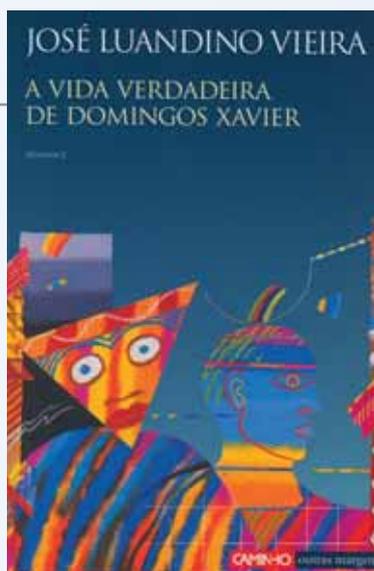
Morada/Adresse:

Código postal:

Tel.

Assinatura anual (Suíça) 20frs (Europa) 40frs

Assinatura anual de Apoiantes frs



A cidade e a infância circulou em 1957 num caderno com este título mas com contos diferentes, 1ª edição, Angola, 1977.

A Vida Verdadeira de Domingos Xavier, escrito em 1961, 1ª Edição, Angola, 1977. Com base neste romance foi realizado o filme *SAMBIZANGA*, por Sarah Maldoror, rodado no Congo-Brazzaville.

Vidas Novas, conjunto de narrativas - *Dina; À espera do luar; À sexta-feira; O feitiço no bufo Toneco; Cardoso Kamukolo, sapateiro; O fato completo de Lucas Matesso; O exemplo de Job Hamukuaia; Zito Makoia, da 4ª classe* - escritas em 1962, no Pavilhão Prisional da Pide, em Luanda. **Prémio JOÃO DIAS** da Casa dos Estudantes do Império, em 1962. Sem terem sido controladas pelo Autor circularam várias edições clandestinas, parciais ou integrais, entre os emigrantes portugueses da França e da Argélia. Inicialmente mimeografadas, depois impressas pelas Edições Anti-Colonial, 1ª Edição, Angola, 1976 .

Luuanda, três *estórias* escritas no pavilhão prisional da PIDE em São Paulo, Luanda, durante o ano de 1963. **Prémio Literário Mota Veiga**, em Angola, 1964, e **Grande Prémio de Novelística** da Sociedade Portuguesa de Escritores, Lisboa, 1965. Este acto de ousadia e indisciplina da S.P.E. custou caro aos membros do júri: alguns deles foram presos e a Sociedade foi assaltada pela PIDE e encerrada. Depois da atribuição do Prémio circulou em Lisboa, em 1965, uma edição ilegal, com a indicação (falsa) de ter sido feita em Belo Horizonte, Brasil, 1ª Edição, Angola 1964.

Velhas Estórias: conjunto de quatro narrativas "*Muadié Gil, o Sobral e o Barril*"; "*Manana, Mariana, Naninha*"; "*Estória da Menina Santa*" e "*O Último Quinzar do Makulusu*", 1ª Edição, Angola, 1976.

No Antigamente, na Vida - Conjunto de três *estórias*: "*Lá, em Tetembuatubia*", "*Estória d'Água Gorda*" e "*Memória narrativa ao sol de Kinaxixi*", 1ª Edição, Angola, 1977.

Nós, os do Makulusu - Escrito de 16 a 23 de Abril de 1967, no Campo de Concentração do Tarrafal, Cabo Verde, 1ª edição, Angola, 1977.

Macandumba - Conjunto de três narrativas: "*Pedro Caliota, Sapateiro-Andante*", escrita em Junho de 1971; "*Cangundos, Verdianos, Santomistas, Nossa Gente (estória de uma estória)*", escrita em Outubro de 1970 e "*Como assim, Nos musseques*", escrita em Setembro de 1970, 1ª Edição, Angola, 1978.

João Vêncio: os Seus Amores - Romance escrito como "*uma tentativa de ambaquismo literário a partir do calão, gíria e termos chulos*", entre 27 de Junho e 1 de Julho de 1968, no Campo de Concentração do Tarrafal, 1ª Edição, Angola, 1979.

Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto e Eu - Duas *estórias*: "*Kinaxixi Kiami! (Lourentinho)*", escrita de 28 de Junho a 6 de Julho de 1971 e "*Estória de Família (Dona Antónia de Sousa Neto)*", escrita de 8 a 15 de Maio de 1972. Ambas no Campo de Concentração do Tarrafal, 1ª Edição, Angola, 1981.

Kapapa, Pássaros e Peixes, escrito em Portugal para a Colecção da EXPO: «98 Mares»: narrativa que sobrou de um original que o autor queimou e que se chamaria *Águas do mar, o guerrilheiro*.

O Nosso Musseque, primeiro livro da trilogia *De Rios Grandes e Guerrilheiros*. Romance que retrata a vida no musseque luandense nos anos cinquenta, 1ª edição, Portugal, 2003.

Nota sobre Luandino Vieira cf. PESSOAS Nº11, Setembro de 2003



O imprevisto previsto



o longo deste trabalho, não raro se denuncia e crítica a inépcia da administração de transição das Nações Unidas instalada em Díli. Igualmente é referida a escassez de meios que a comunidade internacional investiu no território de Timor Leste, com vista à sua reconstrução. Também é explicitamente sublinhado que, os custos financeiros para tornar minimamente viável a vida de uma população de oitocentas mil pessoas, estariam plenamente ao alcance dos países ricos e desenvolvidos.

Países esses que, como é consabido, não só permitiram como, nalguns casos, até incentivaram a brutal ocupação e anexação indonésia. Durante quase três décadas! As últimas do século XX.

Neste particular, ilustra-se, na medida do possível e tanto quanto já vai sendo conhecido, a responsabilidade dos Estados Unidos da América e da Austrália, por se tratar de potências ao nível mundial e regional que, num quadro de guerra fria, fizeram tábua rasa dos mais elementares princípios do direito internacional, para salvar aquilo que entenderam ser os seus interesses na região.

Para tanto, e (talvez não só) por isso, não hesitaram em aliar-se ao ocupante indonésio. Ignoraram, durante demasiado tempo, a brutal

violação de direitos humanos a todos os níveis. Será que a desconheciam? É evidente que não. E mesmo após a transmissão televisiva mundial dos massacres no cemitério de Santa Cruz, procuraram continuar a olhar para o lado, à espera que a comunicação social deixasse de falar no assunto e o pudessem, mais uma vez, abafar. Não fosse a viagem do “Lusitânia Expresso”, como muito bem explica Rui Marques, e tê-lo-iam com certeza conseguido.

O papel destes dois países na região é, há muitas décadas, conhecido. Nada se fez, faz ou fará naquela zona do mundo, sem a sua impressão digital.

Para tanto, e (talvez não só) por isso, não hesitaram em aliar-se ao ocupante indonésio. Ignoraram a mais brutal violação de direitos humanos a todos os níveis.

Outros e variados responsáveis e cúmplices haverá. Basta dar tempo ao tempo para os conhecermos.

Da violação à tortura, do massacre ao genocídio, foi fartar vilanagem, e todo o mundo o sabe!

Como se tal atitude não fosse suficientemente aberrante e criminoso, a Austrália não hesitou em negociar com a Indonésia a usurpação e partilha do único recurso natural dos timorenses: o petróleo.

Ou a tragédia de Timor

De tudo isto se dá nota fundamentada, ao longo do texto, sobre o que foi observado. Como nas entrevistas e, até, nos documentos oficiais transcritos, transparece o plano que, afinal, foi convenientemente preparado e já vinha de muito longe: absorver e partilhar os recursos naturais de Timor Leste entre a Indonésia e a Austrália. Foi dramático ver jovens em fúria saquearem estabelecimentos comerciais, invadirem edifícios governamentais que são sede e rosto da liberdade tão duramente alcançada.

Foi chocante e inaceitável vê-los incendiar residências, à semelhança do que fizeram as milícias de má memória, a soldo do ocupante indonésio. Admito que, perante isso, alguns ponham em dúvida a apreciação feita nas primeiras páginas deste livro, onde se lê:

“E que gente é essa, em que a dignidade do povo tem o tamanho das montanhas, as mulheres o perfume do sândalo, o carácter dos homens a força telúrica do mar e, as crianças, a fragilidade dos corais no riso solto da esperança?”

Pois então, mantenho e reafirmo as frases transcritas!

Para o entender, basta a nós, portugueses, deixarmo-nos de saudosismos coloniais e consequentes paternalismos, ou hipocrisias conve-

nientes a quem se recusa a reflectir sincera e honestamente; preferindo aproveitar o mínimo pretexto para, ainda e sempre, abandonar para melhor explorar. Ou permitir que outros o façam.

Alguém duvida da metáfora referida por Rui Marques: “Timor é uma rato pequenino, dentro de um tubo em cujas extremidades estão dois gatos, à espera”?

À espera de quê?

De a Indonésia conseguir reabsorver a anexação abortada?

De a Austrália conseguir, finalmente, transformar Timor Leste num mero protectorado anglo-saxónico, sob a égide de sua majestade, a Rainha, chefe dos “estados” da comunidade britânica?

E será que Portugal pode daí lavar as suas mãos? Desde logo, não constituiu, para mim, surpresa o que sucedeu.

Bem pelo contrário, era esperado e lógico que incidentes deste tipo viessem a acontecer. Também no livro ficou claramente perceptível essa possibilidade.

A falta gritante de infra-estruturas vitais, a paupérrima economia de subsistência, a escassez de investimento produtivo e a insustentável inexis-

O imprevisto previsto Ou a tragédia de Timor



tência de algo que se aproxime a um mercado de trabalho, podem nele ler-se. Preto no branco.

Em Timor Leste não se deve nem pode falar sequer em taxa de desemprego.

O número de empregos para a população activa é de tal forma diminuto que, sem pretender resvalar para o humor negro, será mais lúcido e rigoroso dizer que urge aumentar exponencialmente o exíguo número de postos de trabalho antes de ensaiar estatísticas.

O dramatismo da situação é directamente proporcional à elevada taxa de natalidade, pese igualmente a elevada mortalidade infantil, frontalmente assumida pelo ministro da saúde, Dr. Rui de Araújo, na sua corajosa e esclarecedora entrevista. Neste domínio, convém sublinhar que a esmagadora maioria da população é jovem, em idade activa, portadora de legítimos sonhos, anseios e expectativas, alimentados e aumentados pela conquista da independência nacional. Não admira, portanto, que a revolta e os tumultos tenham partido de jovens estudantes, independentemente dos pretextos que os despoletaram. Também me parece supérfluo focalizar a atenção e indagar se os estudantes foram manipulados e instigados por alguém interessado em desestabilizar a situação política e, em última análise, derubar o governo.

Não me repugna admitir tal possibilidade.

Considero, porém, que as verdadeiras causas dos incidentes verificados, residem muito mais nos factores económicos, sociais e psicológicos anteriormente apontados, do que em qualquer tentativa de aproveitamento político, à margem das regras a que os partidos ou meros cidadãos têm obrigação de respeitar num Estado democrático de direito em que, como é o caso, os governantes foram legitimamente sufragados em eleições livres.



O que pretendo dizer é que existem causas objectivas, claras e conhecidas, para o que aconteceu em Timor. Este episódio é sintomático e as suas causas estão à vista de todos.

Direi mais: a manterem-se as carências de toda a ordem (que considero suficientemente reportadas) é natural, e friso natural e inevitável, que se repitam incidentes de consequências eventualmente mais trágicas.

Daí não ter mudado uma vírgula, sequer, ao texto que, apaixonadamente escrevi e entreguei ao editor logo que regresssei de Timor.

Jamais o faria.

Acontece até que, os lamentáveis incidentes deste mês, vieram afinal dar razão ao que então escrevi.

Do conteúdo ao apelo, da reportagem à denúncia, da confissão entrevistada à esperança, da realidade observada e escrita, tudo, mas mesmo tudo, infelizmente é verdade. Como infelizmente é verdade que, em última análise, a responsabilidade cabe em primeiro lugar às Nações Unidas, que deixaram os timorenses entregues a si próprios, sem os apetrecharem com os meios mínimos para iniciarem a reconstrução, o desenvolvimento económico e o progresso social.

Resta-me constatar que, este mês e perante a grave alteração da ordem pública, o comportamento do senhor indiano que substituiu o outro senhor brasileiro à frente dos funcionários burocratas instalados em Díli, foi, é, e será o mesmo:

a mais completa inépcia, com consequências dramáticas e, há que dizê-lo, cumplicidades criminosas. Pelo menos, enquanto as Nações Unidas presentes em Timor forem o que são.

S. João do Estoril, Natal de 2002

*Transcrito pelo autor de “Testemunhas de um País Novo”: ISBN 972-8730-07-1

Depósito legal: 193.002/03

Editorial Mensagem

PS

Quatro anos depois do que então escrevi – e se encontra datado e publicado – só não quis saber, o que estava a ser preparado, quem estava interessado no que agora acontece.

Dos tais dois gatos (da metáfora contada por um timorense a Rui Marques) parece que o gatarrão o australiano comeu o ratinho.

Resta-nos assumir as nossas responsabilidades históricas e não permitirmos que tal aconteça. Para isso, basta compreendermos e apoiarmos o esforço diplomático que está a ser feito.

É mais importante içarmos uma bandeira por Timor e pelo seu sacrificado povo do que penudarmos as quinas pelo campeonato de futebol!

7 de Junho de 2006

Aarau

A primeira capital

O cantão de *Aargau* ou *Argovie* foi buscar o nome ao rio que o atravessa em sinuosos meandros, o qual é quase presença obrigatória nas palavras cruzadas quando pedem o nome de um rio suíço; e lá vamos nós escrever Aar. Este curso de água com nascente na garganta de *Grimsel* e com a célebre cascata em *Handeck*, nos seus 280 Km de percurso, passa por *Berne*, *Soleure*, *Aarau*... recebe os afluentes *Reuss*, *Limmat*, *Thiele*, *Wigger*, *Kander*... para ir desaguar na margem esquerda do Reno.

A cidade de *Aarau* representa-o no seu brasão de cor preta e azul, bem como as três estrelas referenciando aos três pequenos territórios que se juntaram para dar origem ao hoje apelidado cantão de *Aargau* ou seja, país do Aar com 1.404 Km² de superfície. O alemão é a língua dominante e a religião protestante.

A cidade principal é *Aarau* aparecendo nos roteiros turísticos como a primeira capital da Suíça. Tentando saber quando e porquê fomos à história da região e nela frisa que nos princípios da Idade Média o Aar tinha uma ponte a servir de via de comunicação entre as comunidades locais. Os condes de *Lenzburg* viram aí um bom local para cobrar portagens e assegurar o comércio, vai daí mandarem erguer uma torre fortaleza – hoje está aí instalado o museu municipal e todos a designam por *Schlössli*.

O burgo começa a estender-se entre 1240/48, pela colina que o rio bordeja sob a chefia e protecção do conde *Hartmann de Kybour*. Mas 30 anos depois já a encontramos na posse dos *Habsburgo* que irão elevar a localidade *Aarau* a cidade (perto desta, na colina fronteira, ainda se impõe o castelo de Habsburgo, berço da antiga Casa Imperial da Áustria),



Mais tarde passa para a tutela de Berna (1415) da qual só virá a libertar-se em 1798 com a vitória do Partido Radical sobre os partidários de Berna.

É nesta época conturbada - 12 de Abril 1798 – que os deputados de vários cantões vizinhos se reúnem em *Aarau* para proclamarem a República Helvética. É então desta época a referência que encontramos publicitada: A primeira capital da Suíça.

Foi efêmera esta posição. Em 1803, *Aarau* já é somente capital de cantão.

Hoje, este burgo apresenta duas partes bem diferenciadas, o urbanismo moderno distingue-se

da Suíça



Schössli

claramente da parte antiga, medieval mesmo, da cidade. Enquanto esta zona se mantém inalterável, preservada até ao ínfimo pormenor, as zonas circundantes expandem-se em prédios de betão e vidro pelos es paços verdes das margens do *Aar*.

Esta cidade goza de uma posição central entre Bâle, Berna, Zurique e Lucerne, daí o ser impossível ignorá-la quando nos deslocamos a uma destas cidades.

Uma vez chegados e deixando a *Bahnhofstasse*, atravessamos, calmamente, a arborizada rua *Des Fossés – Graben* – que nos leva à parte velha da cidade. As ruelas preenchem o espaço de dois círculos concêntricos que, para defesa em tempos de lutas resultava perfeitamente.

É vivamente aconselhado andar de “nariz no ar”, como quem diz, olhar constantemente para as policromas pinturas dos tectos, das paredes e janelas das casas antigas. Cada qual a mais bela. Nestas decorações naïf, por vezes, são pintadas as mais variadas profissões dos proprietários o que torna a nossa observação/descoberta mais aliciante. Os cafés antigos são uma constante e, tal como as casas, ostentam decorações anti-



Beiral pintado

Aarau A primeira capital da Suíça

quíssimas bem como tectos e paredes de madeira lavrada. Alguns ostentam nos tectos autênticos vitrais. É de visita obrigatória o bairro Schachen que devido à concentração de bistrôs e restaurantes com aprazíveis esplanadas chamam-no de “Riviera”.

As manifestações culturais são uma constante, a mais típica é o cortejo Maienzug – sexta – feira, 7 de Julho – e o cortejo que mobiliza a cidade em torno das cenouras, com uma gastronomia própria, mercados, pontos de convívio para se saborear o suco deste vegetal. Falamos então do célebre Rüeblimart que começa em Novembro.

A parte oriental da cidade a Laurenzenvorstadt é típica pelos edifícios administrativos e imponentes construções habitacionais.

Merecem visita o Palais du Grand Conseil construído em 1826/28, em estilo neo-clássico com traço de Franz Henrich Hemmann. O museu de Belas Artes que alberga uma importante colecção de arte suíça o Amtshaus, o Feergut e a Casa das Colunas, assemelhando-se esta a um templo dórico da autoria do mesmo arquitecto do Palais du Grand Conseil e ocupando um ameno e verdejante espaço.

Há que ter em conta que aqui a indústria de fição e cutelaria ainda se encontram a laborar, a mesma pujança já não diremos da fundição de canhões, tempos pacíficos prescindem desse aparato bélico.

Como vamos entrar nas férias mais longas do ano deixamos um incentivo: vão a Aarau experimentar um viver calmo, repousante, nas margens do Aar.

Catarina Reis



Chafariz com “A Justiça”



Cortejo de Maienzug



Castelo dos Habsburgo

Brigada Ligeira

*O verão está de volta e entrou pelas nossas casas adentro. Apareceu com a mestria de um bom passe no jogo dos dias e com a inveja do sedento pela água transparente das montanhas
Nós queremos que admire o tempo que passa, que se aproprie das belezas da vida e que goze as férias com a calma de uma noite de verão.
Esqueça a bola e os salários dos meninos que a empurram e jogue ao euro milhões.*

Terá muitas oportunidades de nos levar debaixo do braço, as férias acabadas. Mas antes disso e antes de o sabermos de volta a casa, temos dificuldade em dizer-lhe coisas que não passem pelo futebol. Porque somos uns rapazinhos honestos, não queremos fazer de conta que lhe contamos qualquer coisa, que lhe mentimos com um santinho na mão direita e um demónio na mão esquerda. Nada disso. Somos honestos, toda agente o sabe e o afirma. Somos mesmo «bastante» honestos, como diria um português que se preze. Aliás, somos como o país: sempre “bastante”! Portugal é um país “bastante”. Se estiver atento, verá e ouvirá que falamos verdade. Quer tirar a prova dos nove? É muito simples: esteja atento a tudo quanto se diz na rádio e na televisão. Verá que é tudo, ou quase tudo, “bastante” divertido, “bastante” interessante e, além disso “bastante” importante.

Veja só o que disse uma das nossas estações de TV sobre o jogo Portugal-México: “... a decisão de Scolari de substituir dois jogadores foi « bastante » importante”. Não sabemos se o comentador que fez tão elevada e profunda afirmação foi “bastante” bom no primeiro casamento e é “bastante” profissional naquilo que faz e naquilo que diz. Ou será, apenas “bastante” ridículo e “bastante” lorpa quando se atreve a comentar coisas “bastante” evidentes? Bastante. Sempre bastante.

Por isso somos o país que somos: um país a meias entre aquilo que é e aquilo que deveria ser. Somos e fomos um país “bastante” esperto quando nave-

gamos pelos mares adentro e “bastante” bom quando demos cabo da bazófia dos ingleses, no chuto da bola. Somos um país “bastante” chato quando as greves abundam e “bastante” crente quando decidimos ir até à Fátima da Nossa Senhora. Ou será que a Senhora, também ela foi “bastante” virgem e “bastante” crente na voz do senhor, seu Deus? Esperemos que os bombeiros sejam “bastante” para darem cabo das chamadas dos incêndios e os alunos “bastante” estudiosos para que as férias sejam um prémio merecido.

Esperemos que o Governo seja “bastante” firme com aqueles que são “bastante” importantes, “bastante” espertinhos e “bastante” mafiosos. Para se ser um senhor “bastante” basta só isso mesmo: ter bastante poder e bastante dinheiro. E dado saber que nós somos “bastante” chatos e “bastante” pobres, não se acanhe quando tiver que cumprimentar o inspector das finanças ou quando souber que o seu salário é um salário “bastante” bom. Ficamos “bastante” contentes. Aliás, ficamos todos “bastante” contentes porque já nos convenceram que qualquer Governo é sempre “bastante” honesto e “bastante” fiel às promessas. Como sempre acontece com as promessas de todos nós: Já imaginou, por exemplo, o que é ser “bastante” fiel no casamento e “bastante” sério nos negócios? Nós somos, simplesmente, fiéis ao nosso compromisso e cumpridores das nossas promessas. Sem qualquer “bastante” que nos impeça de lhe dizermos que nos alegra tê-lo como nosso leitor.

Genève

Consulado Geral de Portugal
 Cônsul Geral – Dr. Júlio José Vilela
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38
 Chancelaria: 022 791 76 33
 Serviços Sociais: 022 791 76 39
 Horário: 08h30 – 13h30
 mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Responsável Dra. Graciete Camejo
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68
 ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões
 Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève
 Tel. 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37
 camoes@bluewin.ch
 www.livraria-camoes.ch

Rádio Cité - 92.2 FM /cabo 98.6
 Emissão em Português
 Hora Lusitana - Genève
 A P I C - Association Portugaise
 d'Information et Culture
 Sábados e Domingos das 13.00h às 15.00h
 Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69
 horalusitana@radiocite.ch

Banco Português e Investimento
 R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève
 Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93
 www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP
 R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45
 www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos
 R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69
 www.cgd.pt

Crédito Predial Português / Totta & Açores
 Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44
 www.totta.pt

Montepio Geral
 R. Terreaux-du-Temple, 9 - 1201 Genève
 Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04
 www.montepiogeral.pt

Lausanne

Banco Espírito Santo
 Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15
 www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP
 Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne
 Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34
 www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES
 Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31
 agence@sep-voyages.com

Sion

Escritório Consular de Portugal
 Chanceler - Rosa Paiva
 Av. du Midi, 7 - 1950 Sion
 Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11
 mail@cggen.dgaccp.pt

Bern

Embaixada de Portugal em Berne
 Dr. Eurico Henriques Paes
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel. 031 351 17 73 Fax 031 351 44 32
 Conselheiro Social - Dr. Manuel de Matos
 Chancelaria: 031 352 73 49
 Serviços Sociais: 031 351 17 42
 mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Coordenadora - Dra. Madalena Silva
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32
 Email:epse@bluewin.ch

Zurique

Consulado Geral de Portugal
 Cônsul - Dr. António Chambers de Antas de Campos
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique
 Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50
 Serviços Sociais: 044 200 30 44
 Serviços de Ensino: 01 361 33 32
 Horário: 08h30 – 14h00
 mail@cgzur.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Responsável Dra. Fernanda de Almeida
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique
 Tel. 044 261 33 32s Fax 044 200 30 50

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português
 Espaço Português - Zurique
 Sábado - das 15.30h às 17.00h
 Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17
 www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM
 Emissão em Português
 Espaço Português - Aaral

Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h
 Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74
 www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP
 Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique
 Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45
 www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal
 Zeltweg, 15 - 8032 Zurique
 Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60
 www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal
 Gotthardstr. 56 - 8002 Zurique
 Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89
 tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix
 Dubsstrasse 47 - 8003 Zurique
 Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20
 www.agenciafelix.ch

Jornais e Revistas

Boletim Informativo
 Lusitano de Zurique
 Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zurique
 Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona
 Dir. Adelino Sá
 Postfach 3010 - 6002 Luzern
 Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42
 a_sa@gazetalusofona.ch
 www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop
 Dir. Carlos Lopes
 Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg
 Tel. 079 432 13 47
 www.infoshopportugal.com

Luso Anuário
 Dir. Mário Pereira
 Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 079 775 62 88
 www.lusoanuario.com
 lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético
 Dir. Ribeiro Santos
 Case Postal, 268 - 1030 Bussigny
 Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64
 director@luso-helvetico.ch
 www.luso-helvetico.com

PESSOAS-magazine
 Dir. António Pinheiro
 Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1
 Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37
 pessoasmagazine@bluewin.ch

www.cgd.pt

www.escolavirtual.pt



**Caixa Geral
de Depósitos**

HÁ MAIS NA CAIXA
DO QUE VOCÊ IMAGINA.

APRENDA PORTUGUÊS À DISTÂNCIA

Cursos de língua portuguesa para
clientes residentes no estrangeiro.

Inscreva-se através de
www.cgd.pt

Aproveite a oportunidade.

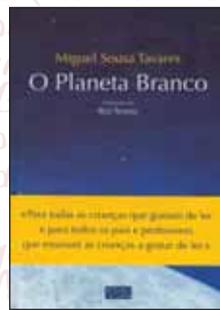
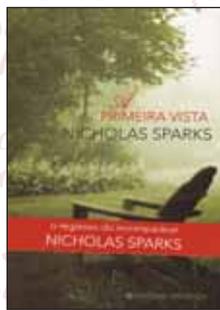
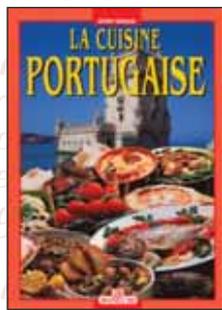
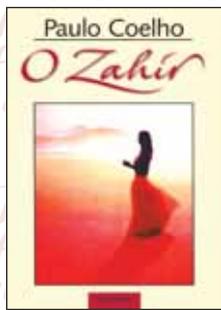
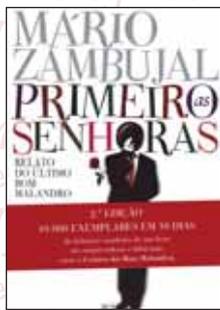
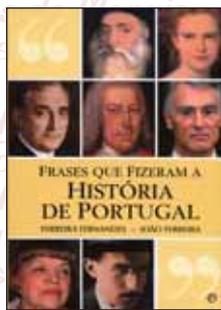
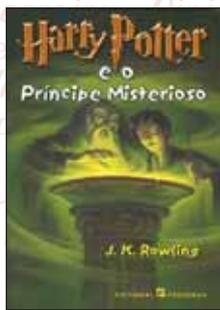
Oferta promocional limitada.

Livraria Camões



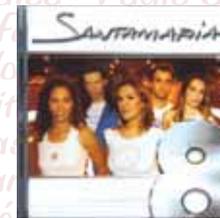
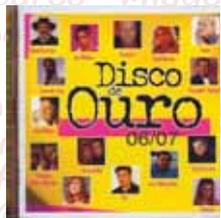
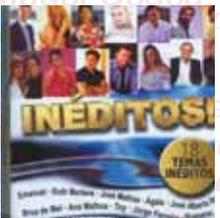
Concretize sonhos! Ofereça livros!

Os dez mais



Música

Os Cinco mais



Literatura Portuguesa
romance, ficção, ensaio, investigação,
culinária, história, conto, aventura...
Manuais escolares e toda a música
portuguesa disponível em CD e DVD.

Visite-nos em:
www.livraria-camoes.ch